

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MEDIANEIRA DA SILVA CARVALHO

GADAMER E A RETOMADA DA NOÇÃO DE BILDUNG: CONTRIBUIÇÕES DA
HERMENÊUTICA FILOSÓFICA PARA A EDUCAÇÃO

PICOS – PIAUÍ
2015

MEDIANEIRA DA SILVA CARVALHO

GADAMER E A RETOMADA DA NOÇÃO DE BILDUNG: CONTRIBUIÇÕES DA
HERMENÊUTICA FILOSÓFICA PARA A EDUCAÇÃO

Monografia apresentada como exigência final para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Banca Examinadora da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista

PICOS – PIAUÍ

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C3311g Carvalho, Medianeira da Silva
Gadamer e a retomada da noção de Bildung: contribuições
da hermenêutica filosófica para a educação / Medianeira da
Silva Carvalho. – 2015.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (53f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal
do Piauí, Picos, 2015.
Orientador(A): Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista.

1.Bildung. 2.Gadamer. 3.Hermeneutica filosófica I. Título.

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de julho de 2015, na sala 838, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **Medianeira da Silva Carvalho** sob o título “**Gadamer e a retomada da noção de *Bildung*: contribuições da Hermenêutica Filosófica para a educação**”.

Banca constituída pelos professores:

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista	Orientador
Profa. Dra. Maria Alveni Barros Vieira	Examinador (a)
Profa. Me. Ana Paula Cantelli Castro	Examinador (a)

Deliberou pela APROVAÇÃO da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 06 de julho de 2015.

Orientador: Gustavo Silvano Batista
Examinador(a): Paula
Examinador(a): Maria Alveni Barros Vieira

Dedico este trabalho a todos os mestres espirituais que me ensinaram o caminho à felicidade que não conhece o sofrimento (a bondade e sabedoria), aos meus pais e irmãos pelo amor e parceria, aos meus professores desde a educação infantil até a graduação que possibilitaram este momento. E neste momento agradeço em especial ao meu orientador que foi um amigo, uma luz nessa minha jornada.

AGRADECIMENTO

AOS SERES SAGRADOS, Por me inspirarem todos os dias a ter perseverança e fé na vida, no amor, na bondade e na sabedoria.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do meu curso de graduação e durante toda a minha vida. Aos meus irmãos, pela bondade e apoio incondicional.

Ao Professor Gustavo Silvano orientador e amigo, que com sua paciência e muita bagagem possibilitou o meu aprofundamento ao pensamento filosófico de Gadamer.

Ao meu grupo de trabalhos “nota mil” Edith Cristina, Elane Ferreira, Francisca Sandra, Leidiana Gomes, Maria de Sousa e Maria da Cruz companheiras que tornaram a jornada mais leve, suave!

.A Professora Ana Carmita Bezerra de Souza, que muito contribuiu como docente nas disciplinas que ministrou.

A Professora Maria Cezar, que com sua alegria contagiante tornou os meus dias tantas vezes mais alegres, vizinha nota dez!

Aos demais professores que tive durante todo o curso, os quais de alguma forma contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado.

Enfim, sou imensamente grata a todos os que contribuíram de forma direta ou indireta para a minha formação e realização deste trabalho.

O Eu é o mestre do eu. Que outro mestre poderia existir?
O não-eu é a essência. Tudo o que compreendemos como
real, surge com nossos pensamentos. Com nossos
pensamentos, fazemos o nosso mundo.

(Buda Shakyamuni)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a noção de *Bildung* e sua retomada crítica tal como realizada pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Partindo da análise das transformações históricas do conceito, buscamos investigar a importância de tal discussão para a filosofia da educação contemporânea. Neste sentido, a investigação de Gadamer do conceito de *Bildung* realça nossa reflexão sobre a educação, pois essa reconstrução indica um retorno a um modelo de ensino que salienta a formação humana integral e comunitária como um elemento básico para as tarefas contemporâneas da educação.

Palavras-chave: Gadamer. Formação. Educação. *Bildung*. Hermenêutica Filosófica.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the notion of *Bildung* and its critical recovery as carried out by German philosopher Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Analyzing the historical transformations of the concept, we aim to investigate the importance of this discussion to the contemporary philosophy of education. In this sense, Gadamer's investigation of the concept of *Bildung* enhances our thinking about education, because this reconstruction indicates a return to a model of instruction that emphasizes the integral human formation and community as a basic element in the contemporary tasks of education.

Keywords: Gadamer. Formation. Education. *Bildung*. Philosophical hermeneutics.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 ORIGEM E HISTORICIDADE DA <i>BILDUNG</i>	12
1.1 A origem da <i>Bildung</i>	12
1.2 A noção de <i>Bildung</i>	15
2 NOÇÃO MODERNA DE <i>BILDUNG</i>	19
2.1 Kant: <i>Bildung</i> e a maioria da razão.....	19
2.2 Hegel: a formação do espírito.....	22
2.3 A <i>Bildung</i> em Humboldt	28
2.4 A <i>Bildung</i> em Heidegger	30
3 GADAMER: A <i>BILDUNG</i> EM VERDADE E MÉTODO.....	35
Conclusão.....	47
Bibliografia	50

Introdução

Este trabalho pretende tematizar a noção de *Bildung* sua origem e historicidade a partir da obra *Verdade e Método* de Hans-Georg Gadamer (2014), buscando um entendimento dos elementos constituidores da formação na hermenêutica filosófica e a retomada da noção de *Bildung* na contemporaneidade.

Mapearemos o conceito de *Bildung* e o seu desenvolvimento histórico a partir do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), investigando a importância do conceito para a filosofia da educação contemporânea, principalmente na obra *Verdade e Método* (1960), buscando um entendimento dos elementos constituidores da noção de formação na hermenêutica filosófica como uma possibilidade de uma retomada do conceito *Bildung* para a contemporaneidade.

A escolha do tema se deu a partir da necessidade de uma reflexão sobre a formação do homem contemporâneo, deste modo como a *Bildung* se insere no contexto atual, dentro de uma realidade onde formação tomou um aspecto reducionista de desenvolvimento das competências técnicas? As reflexões aqui apresentadas visam responder a questão posta: a retomada da noção de *Bildung*: contribuições da hermenêutica filosófica para a educação.

A partir do conceito de *Bildung*, acreditamos ser possível pensar como a nossa problemática se coloca nesse contexto. Qual o conceito de *Bildung* podemos mapear na historicidade da palavra? Qual a possibilidade de retomar a dimensão filosófica da *Bildung* para que esta não se reduza meramente a uma noção de educação estritamente vinculada ao desenvolvimento de habilidades técnicas? A formação hoje tem dado espaço para a totalidade do sujeito envolvendo todas as suas dimensões? Será que a educação ainda se funda na unidade e no universal? Poderá haver uma abertura dos sentidos e das mentes no sentido de uma relação estética com o mundo? O que se observa pode ser considerado um enrijecimento dos sentidos e aligeiramento das relações em prol de dar conta de viver num mundo fortemente marcado pela tecno-ciência em detrimento do cultivo de um agir vinculado ao bem comum?

A busca por novos horizontes de compreensão que levem o homem a refletir sobre sua condição enquanto ser em formação, num eterno devir em busca da felicidade, da plenitude do seu ser, justifica a pretensão deste trabalho, pois no universo da abordagem filosófica podemos significar a busca do homem por sentido

para a sua existência e para a conquista do seu modo de ser mais autêntico. Nesse eterno movimento de vir-a-ser, tanto a busca pelo conhecimento, quanto o desenvolvimento de uma sensibilidade, podem ter lugar no processo de formação humana.

No intuito de buscar uma significação para a elaboração do presente trabalho, objetiva-se que o mesmo possa trazer um entendimento do reducionismo do conceito da *Bildung* a partir do século XIX e das possíveis consequências que isto trouxe a sociedade e a constituição dos processos educativos que se estabeleceram neste período e em muitos aspectos até os dias atuais, de forma que possa levantar questões significativas sobre as possibilidades de se repensar a educação nos seus aspectos mais subjetivos e redirecionar discussões sobre o tema posto, no sentido de uma educação na perspectiva da *Bildung* do idealismo alemão. Assim poderemos tratar da formação como uma experiência própria do indivíduo, da qual também faz parte as suas escolhas pessoais, acontecendo simultaneamente de dentro para fora e de fora para dentro no movimento de internalização de valores e conceitos que não lhe pertencem¹, como via para a liberdade do sujeito dentro de um contexto de emancipação e compreensão do seu lugar no mundo, o qual designa o modo de perceber que vem do conhecimento e de um sentimento ligado à experiência espiritual e moral, o qual perpassa de forma harmoniosa a sensibilidade e o caráter, libertando, assim, a sua consciência de condicionamentos impostos por outrem como mecanismo de alienação e despertando a sua consciência para a experiência filosófica.

Pessoalmente este trabalho vem proporcionar uma imersão no contexto histórico e filosófico do ideal de formação, tema esse relevante ao processo de formação individual, na busca por sentidos para a experiência pessoal do devir e do ser (universalmente), além de uma inserção no universo das discussões acadêmicas mais atualizadas sobre o tema.

A linha teórica adotada neste trabalho é a da compreensão hermenêutica, no contexto da hermenêutica filosófica, numa perspectiva histórico conceitual, no seu primeiro capítulo, sobre o conceito *Bildung*, perpassando o pensamento dos

¹ Em *Ser e Tempo*, Heidegger, explica que o homem em seu ser mais autêntico é possibilidade de ser (exterioridade). sua totalidade, assim sempre há algo que ainda não se concretizou. O ser-aí é enquanto um poder-ser, isto é, o ser-aí é enquanto ainda lhe falta algo. Se todas as possibilidades do ser-aí se tornam reais, então não há mais um ser-aí, pois “enquanto a presença é um ente, ela jamais alcançou seus ‘todos’” (HEIDEGGER, 2008, p. 310).

filósofos, Humboldt (1997), Kant (1999), Hegel (2002) e Heidegger (2005), bem como fazer uma análise do pensamento de Hans-Georg Gadamer (2014) sobre a formação, a partir do livro *Verdade e Método* (1960), e sua crítica ao conceito *Bildung* apontando os aspectos destes para a formação do homem, com vistas a obter uma compreensão dos ideais de formação e como esses se apresentam nas ciências do espírito em contraposição ao tecnicismo. Sendo assim a linha metodológica nesse contexto é a bibliográfica, com pesquisa qualitativa.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, serão apresentados o conceito e origem da *Bildung*, destacando aspectos da trajetória histórico-conceitual da mesma.

No segundo capítulo o conceito será ainda tratado a partir de autores como Humboldt nos textos *Teoria da formação do homem – datado de 1793 a 95*, Kant no qual a questão da formação perpassa toda a obra, destacando aqui *Sobre a Pedagogia* e o texto *O que é esclarecimento?* Hegel na sua *Fenomenologia do Espírito*, e ainda na *Propedêutica Filosófica* e Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*. O trabalho está articulado dentro do contexto da hermenêutica filosófica, numa perspectiva histórico-conceitual.

O referencial teórico se estruturou a partir da obra *Verdade e Método*, visto a sua abordagem do tema e por ser a principal obra de Gadamer, bem como o texto *Educar é educar-se*, do mesmo autor.

No terceiro capítulo, a proposta é mapear os conceitos que dão sustentação as ideias de formação em Gadamer especialmente na sua obra *Verdade e Método*, a partir da qual fixa um ideal de formação e uma crítica ao reducionismo ocorrido a partir do século XIX e a necessidade de uma retomada dos gregos para reabilitar o conceito de *Bildung*.

Ainda à guisa de conclusão serão retomados os conceitos-chave da hermenêutica filosófica na tentativa de uma análise sobre o conceito contemporâneo de formação na perspectiva da educação, pontuando os aspectos relevantes da obra de Gadamer e suas contribuições à educação a partir de autores contemporâneos como Hans-Georg Flickinger (2014) e Najda Hermann (2002).

1 ORIGEM E HISTORICIDADE DA BILDUNG

O desenvolvimento da noção de *Bildung* se deu no século XVIII. Podemos dizer que a cultura ocidental passou por duas grandes concepções da experiência educativa que permanecem interligadas entre a *Paideia* (*ideal de formação do homem grego*), entendida como processo educativo que visa a excelência humana pela formação humana-intelectual e à *Bildung* em um esforço de atualização crítica da *Paideia*, que visa ao mais alto nível de excelência possível.

Segundo Gadamer, “a *Bildung* se concretiza a partir de uma força criativa autônoma pela qual, o ser humano livremente é capaz de autoformar-se e atingir por si só” (GADAMER, 2014, p. 44). Na constituição da hermenêutica filosófica, Gadamer lidou com diversos autores, desde seus estudos iniciais. Tendo em vista 102 anos, viveu mudanças significativas do século XX, desde as filosóficas quanto as sociais e tecnológicas, o que certamente influenciou a sua obra.

Nessa busca por uma matriz válida que pudesse dar conta das mudanças estruturais e socioculturais, Gadamer foi buscar nos gregos, principalmente Platão e Aristóteles, a fundamentação necessária para repensar uma alternativa de consideração das demandas atuais. Nesse sentido, Gadamer defendeu a ideia de uma filosofia hermenêutica como autorreflexão da postura intelectual inserida no mundo social da cultura.

Para isso a hermenêutica deve estar direcionada por uma compreensão e interpretação no âmbito das ciências como um todo, de forma a integrar os saberes e aprofundar a interpretação racional a cerca do modo de ver as coisas.

1.1 A origem da *Bildung*

A palavra *Bildung* é composta do prefixo *Bild* que significa contorno, imagem ou, mais precisamente, forma e do prefixo - *Ung* que define o processo pelo qual essa forma é obtida numa tradução possível para o português *Bildung* é formação, mas não apenas formação no seu sentido tecnicista, mas formação cultural a qual engloba todos os conceitos da formação humana e todos os aspectos do processo de formar-se em direção ao universal ou espiritual.

Numa perspectiva filosófica o termo retoma a *Paideia* grega, e vem historicamente se reformando ao longo do tempo, de forma que por fim para

Gadamer “formação é formar-se” numa dinâmica de autoformação. Porém numa retrospectiva histórico-conceitual pode-se apontar que *Bildung* nasceu como uma palavra e ao longo do tempo se tornou um conceito. Na história da filosofia, literatura e pedagogia aparece articulada aos movimentos do iluminismo, ao idealismo filosófico e pedagógico alemão. Quanto à pedagogia, refere-se às discussões históricas, culturais, artísticas, filosóficas, estatais, antropológicas, poéticas, autobiográficas e em trocas de correspondências. O termo *Bildung* foi cunhado entre 1770 e 1830 na Alemanha; segundo Berman:

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, “cultura” e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de “formação” de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte:[...] sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (*sich bilden*) (BERMAN, 1984, p. 142 APUD SUAREZ, 2005, p. 193).

Bildung nasce, assim, das ideias iluministas, de um profundo desejo por liberdade de ser plenamente o que se é, do indivíduo ter liberdade de cunhar, esculpir a si mesmo a partir da sua essência.

O iluminismo foi um período histórico onde a sociedade burguesa se libertava do feudalismo e dos regimes absolutistas e se inicia o desenvolvimento técnico-industrial, com a revolução francesa. A burguesia reivindicava direitos e liberdades. Este foi um momento histórico no qual se buscava um novo modelo de sociedade e, portanto de formação do indivíduo o que pressupõe o respeito à sua liberdade individual. Segundo Molmann, “*Bildung* é formação de si” e, assim sendo, o ideal de *Bildung* e o ideal de homem estão entrelaçados. Nesta perspectiva o homem é visto como “um sujeito capaz de autodeterminação racional, ou seja, como sujeito, capaz de se formar numa perspectiva dotada de razão visando à liberdade” (MOLMANN, 2010, p. 19).

O homem, conseqüentemente forma a si e forma o seu mundo. Para Gadamer não se trata de um sujeito preso em seu mundo interior, na sua subjetividade, mas há a proposta de troca com o mundo, num movimento que exige

a saída de si ao encontro do mundo e o posterior retorno. Um homem que toma suas decisões e que age e age em si, não podendo ficar sem se trabalhar, é o homem representado na *Bildung*. Desta forma esta concepção de *Bildung*, traz em si a ideia de um homem que se autodetermina, que não mais se guia pela teologia ou pela natureza, mas forma-se a partir de um ideal de humanidade na qual a constituição social acontece a partir da formação individual, ou seja, *Bildung* se refere à determinação da essência humana em seu juízo, sua racionalidade como um todo: “É da essência universal da *Bildung* humana, fazer de si um ser espiritual universal” (GADAMER, 2014, p. 47).

Uma das primeiras constituições de sentido da palavra *Bildung* está relacionada à formação natural ou aparência a qual pode descrever a forma de uma pessoa ou de um espaço natural, como uma montanha, por exemplo, somente um tempo depois fundiu-se ao conceito de cultura, demonstrando a capacidade de se formar e as disposições naturais do ser humano. Podemos, retomando historicamente o termo *Bildung*, encontrar a sua origem na mística medieval. Na tradição da mística antiga, acreditava-se que o homem é feito à imagem de Deus e carrega essa marca na sua alma, pois foi criado a partir dela e deve, portanto, se formar para tornar-se uno a essa essência divina da qual surgiu. Esta é uma representação da ideia de “*Imago Dei*”, ligado aos místicos alemães Meister Eckart (1260-1328) e Jacob Böhme (1575-1624) a qual traz uma perspectiva espiritual ao conceito de *Bildung*. “Aquela visão da ordem divina, que age no interior da alma e que determina toda vida como *orde de Dieu* recua agora.” (RÖHRS, 1993, p. 153 apud MOLMMAN, 2010, p. 20).

Nesse contexto de uma *Bildung* ligada à mística medieval o padre, é o professor, é o educador, pois deve formar esse homem “divino”. Ainda segundo Röhrs apenas no início do século XVIII é que haverá uma conotação mais estética do conceito sendo aí o professor o formador do homem, nesse movimento de profanização da *Bildung*. A partir daí, então este conceito místico e espiritualizado vai deixando espaço para a desmistificação do conceito, embora ainda mantendo alguns aspectos do conteúdo religioso, o qual somente entre os pensadores Kant e Hegel alcança o seu significado máximo ultrapassando assim o conceito de cultura e se elevando além deste para uma perspectiva de humanidade. Para Gadamer, “o conceito chega ao seu conteúdo idealista máximo entre Kant e Hegel com Herder e

sua definição de uma *Bildung-ao-alto*² em direção à humanidade, sendo que com essa conotação ela significa mais do que cultura” (GADAMER, 2014, p. 45). Esse ideal de formação é pensado para formar um ser humano capaz de alcançar um estado tal de abstração: um conceito universal de humanidade. Assim segundo Seulbold:

[...] a visão panorâmica, o cálculo e por último a dominação. Apenas na modernidade o mundo se torna imagem no seu sentido fundamental – e o homem se torna criador da imagem de seu mundo e de seu destino [...] onde somos nós que através de nossos modos de ver e de nossas categorias, formamos o mundo assim, como ele aparece para nós (SEULBOLD, 2006, p. 120 apud MOLMANN, 2010, p. 18)

O objetivo, portanto da *Bildung*, nesta perspectiva, é de uma elevação individual à universalidade, onde o homem seja capaz de abstrair do seu particularismo e se direcionar a universalidade, a humanidade. “Esta é uma exigência hegeliana de se manter aberto ao outro, de conservar livres os pontos de vista universais, que não são um parâmetro fixo para a pessoa formada”. (GADAMER, 2014, p. 48).

1.2 A noção de *Bildung*

Em linhas gerais seguindo o dicionário Gadamer (2011, p. 17-18) o conceito de *Bildung* “pode ser traduzido por cultura”, “educação” e “formação”. Em uma fase *Bildung* é entendida como a formação do indivíduo como tal ou mais especificamente o indivíduo como ele se forma ou como se encontra em uma condição hermenêutica. O indivíduo é moldado a partir das configurações culturais para que sua individualidade não se sobreponha à sociedade, ou seja, a transformação do natural no desenvolvimento social, é um processo em direção a uma prática crescente de costumes, hábitos e tradições³. Em um nível mais amplo,

² Emporbildung é a palavra original. *Empor* significa para acima.

³ O hábito para Aristóteles representa a ação intencionalmente executada, e que, repetida manifesta o comportamento, assim “sendo a virtude, como vimos, de dois tipos, nomeadamente, intelectual e moral, a intelectual é majoritariamente tanto produzida quanto ampliada pela instrução, exigindo, conseqüentemente, experiência e tempo, ao passo que a virtude moral ou ética é o produto do hábito, sendo seu nome derivado, com uma ligeira variação da forma, dessa palavra. E, portanto, fica evidente que nenhuma das virtudes morais é em nós engendrada pela natureza, uma vez que nenhuma propriedade natural é passível de ser alterada pelo hábito. Por exemplo, é da natureza da

Bildung é o movimento formativo próprio de uma cultura, a partir da prática de seus costumes e tradições históricas.

A *Bildung* está fundamentalmente ligada ao desenvolvimento histórico do povo alemão. Dado o processo histórico, no século XVIII, na Alemanha, surgiu a necessidade de se pensar um conceito de *Bildung* que pudesse concretizar o desejo por uma reabilitação da identidade nacional alemã e que pudesse ocupar-se dos movimentos de uma realidade em contínua evolução, modificando assim, as condições factuais da época. Sendo, portanto o processo educativo, um facilitador desse movimento de formação do homem. Pensar uma *Bildung* que não se limitasse ao espaço educacional formal, mas pudesse expandir-se na consolidação da identidade de um povo. Para isso a filosofia da época foi buscar nos antigos elementos constitutivos que pudessem dar conta dos desafios postos, era essa a busca dos grandes pensadores alemães.

Sendo, de tal modo, não houve um grande pensador que não tenha manifestado interesse pelo tema, de forma que alguns buscam as suas origens no medievo alemão, outros retornam à mitologia nórdica e outros até a Grécia clássica. Compreendidas as diferenças, a ideia de *Bildung* encontra-se vinculada ao movimento de “tornar-se o que se é”, ou seja, o movimento de constituição da própria identidade individual e coletiva do povo alemão.

A supracitada reforma estabeleceu o ideal da *Bildung* como o principal referencial do sistema escolar alemão. Ao analisar a realidade europeia do século XVIII, é notório que foi na Alemanha, que à época se encontrava fragmentada em diferentes reinos, que o processo de constituição de um sistema educacional em âmbito nacional conheceu um vertiginoso desenvolvimento. Enquanto as estruturas sociais e políticas na Inglaterra e na França eram alteradas por revoluções, a relativa fraqueza da burguesia alemã levou à adoção de uma estratégia reformista para efeito de modernização social (cf. GEYMONAT, 1975, p. 34). O que fez com que a Alemanha, ainda que ocupando geograficamente uma posição central no continente, configurasse uma realidade à parte do restante das nações europeias (NICOLAU, 2013).

pedra mover-se para baixo, sendo impossível treiná-la para que se mova para cima, [...]. As virtudes, portanto, não são geradas em nós nem através da natureza nem contra a natureza. A natureza nos confere a capacidade de recebê-las, e essa capacidade é aprimorada e amadurecida pelo hábito” (ARISTÓTELES, *Ética*, liv. II, 1, § 1).

Assim, os filósofos da *Aufklärung*⁴, no século XVIII passaram a criticar as escolas confessionais. Houve um movimento contra a manutenção das escolas confessionais. Segundo estes filósofos o estado deveria assumir as escolas, nomeando professores e regulando os estudos e estas deveriam ser laicas, realizando uma profunda reforma no sistema educacional da época. O objetivo era que o Estado garantisse as crianças ensino de uma boa moral, baseada em verdades éticas fundamentais, algo essencial ao bem estar da sociedade. Assim, a *Bildung* assumiu uma relevância essencial ao sistema educacional alemão. Os intelectuais alemães do século XVIII dedicaram-se a um projeto no qual a estética⁵ e a natureza deveriam ser consideradas como potencialmente educativas, quando mescladas a valores éticos e espirituais.

De maneira geral o que se buscou foi ideia de uma formação global do ser humano o que possibilitou moldar um sentido especial ao conceito de *Bildung*. Nesse contexto, aquela imagem de um indivíduo marcado pelos títulos de nobreza e laços consanguíneos se desfaz para dar lugar a um novo ideal de indivíduo capaz de formar a si mesmo cultural e intelectualmente, tornando-se senhor de si, impondo-se a ideia de que a educação possibilita ao indivíduo conseguir determinar sua vida de forma autônoma, de forma que supere as condições de fragmentação nas quais esteja inserido. Segundo Gadamer nesse sentido o conceito de *Bildung* favorece a reforma e é favorecido por ela:

⁴ Palavra alemã para iluminismo ou esclarecimento. A publicação em 1784 do opúsculo de Kant: "*Uma resposta à questão: o que é o Iluminismo?*", onde se encontra essa famosa definição: "Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio responsável dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* [Ouse saber!] Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]" (KANT, 2015).

⁵ É a área da filosofia que estuda racionalmente o belo – aquilo que desperta a emoção estética por meio da contemplação – e o sentimento que ele suscita nos homens. A palavra estética vem do grego (*esthesis*), que significa conhecimento sensorial ou sensibilidade, e foi adotada pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) para nomear o estudo das obras de arte como criação da sensibilidade, tendo por finalidade o belo. Segundo Platão, o belo se identifica com o bom, e toda a estética idealista tem como origem essa noção platônica. No caso de Aristóteles, a estética tem como base dois princípios realistas: a teoria da imitação e a catarse. Já no século XVIII, na *Crítica do Juízo*, Kant determinou o caráter *a priori* do juízo estético, identificando o belo como uma "finalidade sem fim" e nomeando a "ciência de todos os princípios *a priori* da sensibilidade" como estética transcendental. O classicismo alemão foi potenciado pelos fundamentos de Kant, como é possível verificar com Schiller, Goethe, W. Von Humboldt. Na estética contemporânea, é importante destacar duas tendências: a ontológica-metafísica, que muda radicalmente a categoria do belo, e a substitui pela vertente do verdadeiro ou do verídico; e a tendência histórico-sociológica, que contempla a obra de arte como um documento e como uma manifestação do trabalho do homem, analisada no seu próprio âmbito sócio histórico.

Esse cenário favoreceu e fora favorecido pelo conceito de *Bildung*, que naqueles tempos elevou-se a um valor dominante, foi sem dúvida, o mais alto pensamento do século XVIII, e justamente esse conceito caracteriza o elemento em que vivem as ciências do espírito do século XIX (GADAMER, 1997, p. 47).

Compreender o conceito de *Bildung* pressupõe possibilitar uma ação educativa abrangente, que comporte em si o conceito de cultura e mantenha conexão com a arte, a ética e a ciência de maneira que permita uma formação integral do indivíduo. Sendo assim a complexidade do conceito, um ponto fundamental na sua apreensão. Sendo o conceito usado, portanto de muitas maneiras, dando a este, diferentes matizes filosóficos, para Kant e Mendelssohn, *Bildung* era a formação do indivíduo para o cultivo de um pensamento esclarecido, para Herder e Schiller ele tem um caráter mais cultural e artístico de formação da sensibilidade em relação à razão. Por último para Hegel é formação universal do indivíduo em sua humanidade e historicidade fundamental.

Para Gadamer o conceito de *Bildung* transformou-se com o tempo, mas, em essência, a *Bildung* sempre se referia à evolução do potencial do indivíduo, o que lhe conferia uma importância única para a prática pedagógica ainda que outros conceitos surgissem em outros contextos culturais, na Alemanha o *Ethos*(caráter, moral) da *Bildung* assumira o caráter de um *Pathos* (experiência) metafísico representando um ideal inalienável à educação dos indivíduos.

Todas as interpretações do conceito tem em comum a origem da palavra. Originariamente o sentido de *Bildung* vem do verbo *Bilden*, ação que trazia em si o sentido duplo das variáveis do alemão antigo: *Biliden*, que significava dar forma a algo (*Gestalt*) e essência (*Wesen*) e *Bilidon*: que significava imitar uma forma, representando, assim, o trabalho do artesão bem como o ato criador de Deus, ou ainda o vir-a-ser das formas naturais, manifestação da ação criadora da natureza e posteriormente juntando a esse sentido o sentido de *Einbilden*, que significa cunhar a alma e *Ausbilden*, colocar em uma imagem, deu a *Bildung* a ideia de formação interior e formação exterior, dando amplitude ao conceito e fornecendo um cunho pedagógico a palavra.

No próximo capítulo buscar-se-á tratar da concepção da *Bildung* nas obras de Kant, Hegel, Humboldt e Heidegger, de forma a caracterizar um traçado histórico-filosófico do conceito e compreender como chegou-se ao moderno conceito de formação.

2 NOÇÃO MODERNA DE BILDUNG

2.1 Kant: *Bildung* e a maioria da razão

O pensamento de Immanuel Kant é bastante conhecido, principalmente no que concerne à sua teoria do conhecimento. Sua obra é muito abrangente e além de seus geniais trabalhos na área da filosofia, também produziu diversos tratados sobre outras ciências, inclusive sobre a educação. Nessa área do conhecimento a obra mais importante é *Sobre a pedagogia* obra que é um verdadeiro compêndio de um curso de pedagogia, onde, em linguagem clara e direta, aborda o problema pedagógico sob um ponto de vista racional. Porém, sua obra no campo da filosofia abrange um espaço infinito de ideias; para além da obra citada, há outras não menos importantes no campo da filosofia como: *A crítica da razão pura*, *A crítica da razão prática*, *Resposta à pergunta: o que é "esclarecimento"?* (*Aufklärung*), dentre tantas outras. O que nos interessa nesse estudo é as suas ideias sobre a *Bildung*. Para Kant:

[...] é entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar àquela forma, a qual em verdade convém à humanidade. Isto abre a perspectiva de uma futura felicidade da espécie humana. (KANT 1999, p 16-17).

O tema da formação humana perpassa toda a sua obra. Para Kant o processo de formação humana é o processo de formação de um sujeito livre, racional e moralmente bom. Segundo ele, o homem já nasce dotado da capacidade de se formar, pois é possuidor de faculdades superiores que o possibilitam formar-se a si próprio, impulsionado pela natureza que o leva sempre a um processo de qualificação das suas competências naturais. Para Kant :

[...] "o ser humano é a única criatura que precisa ser educada". Segundo ele, o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, sendo o indivíduo aquilo que a educação o torna. Ao contrário do animal que, pelo seu instinto, desde que nasce já é tudo o que pode vir a ser, o homem originariamente não é nada, embora tenha sempre a possibilidade de vir a ser múltiplas coisas, e por ser detentor exclusivo da liberdade tem uma multiplicidade infinita de caminhos para seguir (KANT, 1999, p. 11),

Assim, ao logo da história, o homem vem sendo impelido, por sua própria natureza a desenvolver todas as suas potencialidades; não obstante ele, como sujeito livre que é, relaciona-se com os ditames da razão, que o conduziriam naturalmente, ao desenvolvimento de todas as suas disposições naturais, pois embora seja o mesmo dotado de faculdades subordinadas à razão, ao nascer não está pronto para fazer uso destas, necessitando, portanto ser educado.

Sendo assim para Kant um sujeito livre, racional e moralmente bom, não pode ser criado como tal. A única possibilidade de sua existência é que ele, a partir de capacidades naturais, se crie a si mesmo. Para o autor, a educação é o que possibilita ao homem o formar-se, é a partir dela que o mesmo pode desenvolver o seu potencial humano e técnico de forma a alcançar a felicidade. Para ele o homem “é aquilo que a educação faz dele” (KANT, 1999, p 15).

O autor divide o processo de formação humana em duas principais etapas. Em uma primeira etapa, a infância, onde o homem é heterônomo, o que significa dizer que ele não é um sujeito emancipado, nem capaz de se emancipar, necessitando, porém de cuidados para se formar e crescer em segurança e para isso depende dos outros, de um adulto, por quem deve ser cuidado e educado, ou seja, deve ser disciplinado e instruído. Já a idade adulta, na segunda etapa da sua vida, o homem torna-se emancipado e capaz de cuidar por si mesmo da sua formação, sendo que neste momento esta adquire características autônomas, o indivíduo assume a responsabilidade pelos processos de aquisição de saberes, o qual deve levá-lo a um aperfeiçoamento que lhe dê autonomia de pensamento, tornando-o sujeito legislador e executor de suas próprias leis.

Para Kant, “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade” (KANT, 1999, p 12). Isto significa dizer que é a educação quem possibilita o desenvolvimento das qualidades humanas e das disposições naturais do homem. A formação, segundo a filosofia kantiana, acontece na escola, e portanto, deve ser pensada de forma que conduza o homem ao desenvolvimento pleno das suas qualidades humanas, técnicas e sociais. Diz Kant:

[...] a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana

espécie para que chegue ao seu destino. (KANT 2006, p 19).

Sendo assim, os homens devem sempre pensar uma educação que os torne moralmente mais próximos dos seus ideais da razão. Nessa dimensão educativa da *Bildung*, o autor sugere que essa educação seja realizada por pessoas capacitadas para tal, conhecedoras de todos os processos educativos e seus fundamentos epistemológicos. Ainda na direção da formação do homem, a educação tratada no pensamento de Kant divide o processo educativo em dois momentos: a *infância* onde a criança deve ser disciplinada e aprender a ter controle sobre os seus instintos naturais; e a *idade adulta*, momento de posse da razão o indivíduo busca por si a formação que considere mais adequada ao seu desenvolvimento.

Em um primeiro momento da formação faz-se necessário às crianças serem disciplinadas e instruídas e, para isso, o autor propõe algumas ações para que esse processo se constitua devidamente.

A primeira delas é a educação física. Essa é a educação da primeira fase da vida: a infância, na qual o indivíduo é um infante e, para o autor, incapaz de se educar sozinho, necessitando, portanto de instrução. Diz Kant:

[...] o homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. E esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo a disciplina, pois de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. (KANT, 1999, p. 13)

Devido a essa inclinação à liberdade, a disposição à preguiça e ao ócio é, portanto, na infância onde deve acontecer o processo de disciplina da criança. Para Kant, só será possível ao homem desenvolver-se plenamente se logo na primeira infância aprender a conter os seus instintos naturais. O autor ainda acredita que os homens, como os animais possuem em si o instinto natural e se este não for domado nos primeiros anos de vida, não será possível ao indivíduo se distinguir dos outros animais e, portanto não realizará a sua natureza mais profunda a qual só pode ser desenvolvida a partir da racionalidade. Kant, em sua obra *Sobre a Pedagogia* deixa claro como deve ser a instrução das crianças, de forma que estas aprendam a disciplina e possam ter controle sobre si e seus impulsos naturais, desenvolvendo assim prudência, ética e moralidade.

Sendo essa fase da formação realizada de modo satisfatório, no segundo momento, da sua existência a fase adulta, esclarece o autor, o indivíduo pode então adentrar ao mundo do conhecimento, do esclarecimento e assim se responsabilizar pelo seu processo formativo, pois a partir daí, a disciplina adquirida o permite saber o que deve escolher o que é melhor para si e o aperfeiçoamento das suas capacidades intelectuais, sociais, espirituais e competências técnicas. Segundo Kant (1999 p. 87): “ a etapa suprema é a consolidação do caráter. Consiste na resolução firme de querer fazer algo e tomar a decisão firme de coloca-lo realmente em prática”.

Para Kant o conceito de *Bildung* (formação) e a educação escolar são sinônimos e esta se materializa através da escola pela educação, a qual deve, portanto ser pensada de forma racional e estruturada para permitir a este se desenvolver em toda sua potencialidade.

2.2 Hegel: a formação e o espírito

Na contraposição a teoria kantiana, para Hegel, diferentemente de Kant, a *Bildung* não se dá somente no espaço escolar, pois ela é elevação intelectual à universalidade, ou seja, não se limita à formação teórica, nem significa um comportamento teórico em oposição a um comportamento prático, mas antes, abrange o conjunto da determinação essencial da racionalidade humana. Segundo o próprio, uma educação promotora da *Bildung* é a que promove a formação da totalidade do humano, o que além da capacitação técnico-científica, envolve formação política, ética e estética. O homem tem como fim último tornar-se um ser espiritual no sentido universal e a educação o conduz a esse fim. Sendo assim, o homem se forma não apenas no espaço determinado da escola, mas em todos os momentos nas suas interações com os outros. Nesse formar-se, o homem experimenta além da realidade concreta, uma realidade suprassensível e nela pode compreender além de si e do outro, desde a esfera da percepção dos objetos até a experiência do Universal. Hegel considera que:

[...] para a consciência, na dialética da certeza sensível, dissiparam-se o ouvir, o ver etc. Como percepção chegou a pensamentos que pela primeira vez reúne no Universal incondicionado. Se esse condicionado fosse agora

tomado por essência inerte e simples, nesse caso não seria outra coisa que o extremo do ser-para-si, posto de um lado; em confronto com ele se colocaria a inessência; mas nessa relação à inessência seria também ele inessencial. No entanto surgiu como algo que a si retornou a partir de um tal ser para si condicionado. (HEGEL, 1992, p. 47)

Assim, podemos compreender que a certeza sensível é a primeira forma de consciência, ou seja, a forma mais elementar de relação entre sujeito e objeto, a primeira interação do homem com o mundo. O sujeito apenas vê, ouve, toca o objeto, ele apenas tem consciência dos objetos, no entanto não está consciente dos mesmos, pois estar consciente é compreender a sua natureza, enquanto ter consciência é somente poder percebê-los como se apresentam. Podemos entender a certeza sensível como o mero ser que tem consciência. Nesta forma de consciência o homem apenas toca, vê ou sente o mundo, ele não reflete ou analisa ele; é um plano elementar onde o homem unicamente interage com o mundo.

Sendo assim o homem o percebe somente como elemento, como aparência, como imediato, não consegue pensá-lo, pois o que percebe é simples espectro do real, e o homem não pode, a partir desse espectro, definir o objeto. Dessa forma o mundo se mostra como misterioso e impenetrável, sendo o sujeito ignorante frente a sua complexidade e mesmo entendendo que o compreenda, pois pode senti-lo, não o compreende, apenas o toca. Esta forma de consciência é passiva, pois o homem enquanto ser que observa não age no mundo. É uma consciência "inocente", e facilmente enganada. Porém é a partir dessa certeza imediata que nasce a percepção, uma forma de consciência um pouco mais elaborada.

A percepção é a segunda forma da consciência do homem, ela cumpre papel mais ativo na relação desse homem com o mundo, pois ela reflete ou pensa acerca das coisas no mundo em vez de meramente senti-las. A partir desse ponto da consciência o sujeito adquire a capacidade de duvidar, e entende que apenas observar o mundo é uma forma inocente de encarar a realidade. Já se pode aqui, no seguimento de Hegel, classificar o sujeito como ser *consciente*. Ele entende que o objeto possui uma unidade ao mesmo tempo em que possui múltiplas qualidades, ou seja, o objeto tem um aspecto dual.

A percepção só pode se formar com a vivência (ou experiência) do homem no mundo. Desta forma, o homem não pode se isolar da realidade, ele deve, muito antes, mergulhar nela. Conhecer o objeto não é uma experiência meramente

intelectiva. Para conhecer é preciso se conectar, é preciso ser ativo, desenvolver tanto a mente como o corpo. O conhecimento, para Hegel, não se limita ao intelectual. Conhecer é adentrar ao objeto, ao mundo. A certeza sensível se enganava acerca da realidade, e a percepção mostra que ela estava errada. Relacionar-se com o mundo é muito mais que apenas observá-lo, é preciso duvidar e refletir acerca dele, para que seja possível compreendê-lo. Este 'mergulhar' no mundo que a percepção faz leva o homem a compreendê-lo, o que nos leva a terceira e última figura da consciência, o entendimento (*Verstand*).

Esta última forma de consciência poder ser chamada "*ter consciência*", pois ele vai além do meramente sensível, e consegue elaborar conceitos acerca dos objetos. No entendimento a razão pode analisar e decompor as coisas para entendê-las e saber sobre elas. Neste nível, a consciência vai muito além da mera percepção do mundo pelos sentidos, tal como a certeza sensível fazia. A este estado das "coisas" podemos chamar fenômeno e mundo suprassensível, pois o entendimento leva a consciência a um nível mais elevado do que apenas ter sensações dos objetos e proporciona a possibilidade de se pensar sobre o mundo e criar conceitos dele.

Neste nível de consciência, é possível que o homem idealize conceitos que seriam impossíveis na certeza sensível, pois existem coisas no mundo que vão além do que se pode 'ver' ou 'tocar'. O entendimento proporciona um olhar além do visível e do possível aos olhos comuns. Pode assim o homem ver o "invisível" a olho nu. Mas se passarmos à certeza sensível (o observar do mundo) pela reflexão da percepção, podemos chegar a conceitos no entendimento que regem a estrutura do mundo físico.

Estas são, portanto as três formas de consciência, ou as três formas distintas de se relacionar com o mundo. Na primeira, enquanto certeza sensível, nos mostra uma forma passiva e superficial de enfrentar a realidade, que pode ser denominada "*ser consciente*". A segunda forma mostra uma atitude mais ativa do homem no mundo, um homem que pensa e duvida das coisas atitude que o leva ao conhecer, podemos chamá-la de "*estar consciente*". Porém esta ainda é uma relação inocente. A última forma do homem se relacionar com o mundo, o entendimento, é o mais elevado, o mais lúcido e o mais ativo. Nele o homem pensa livremente e elabora conceitos da sua vivência no mundo. Ele não é facilmente enganado como na certeza sensível. Atribuímos a esta fase da consciência o nome de "*ter consciência*".

Assim, o espírito absoluto é destarte efetivo na medida em que o indivíduo se ultrapasse enquanto ser vivente, enquanto desejo impulsionado pela natureza, que é superando essa natureza material possa vir a ser espírito completo, universal, o qual sabe reconhecer as suas necessidades, e assim conhecer e reconhecer os seus limites, sabendo conter-se. Hegel propõe uma educação promotora da *Bildung*, que seja ela mesma o próprio processo educativo interno, ou seja, não se dá de modo avulso no homem. Essa educação assume, portanto a característica de formação da consciência, que tem por impulso compreender a si e ao mundo, sendo assim individual e interior.

Na *Fenomenologia do Espírito* (1992, p. 9-19), já na apresentação, Lima Vaz, defende a radicalidade da filosofia hegeliana, quando esta procura demonstrar que a fundamentação do saber é resultado de uma gênese, cujas mudanças são demonstradas no plano da aparição, do fenômeno, pelas oposições dialeticamente articuladas entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto:

O ponto de partida da *Fenomenologia* é dado pela forma mais elementar que pode assumir o problema da inadequação da certeza do sujeito cognoscente e da verdade do objeto conhecido. Esse problema surge da própria *situação* do sujeito cognoscente enquanto *sujeito consciente*. Ou seja, surge do fato de que a *certeza* do sujeito de possuir a verdade do objeto é, por sua vez, *objeto* de uma experiência na qual o sujeito aparece a si mesmo como instaurador e portador da verdade do objeto. O lugar da verdade do objeto passa a ser o discurso do sujeito que é também o lugar o auto manifestar-se ou do auto-reconhecer-se - da *experiência*, em suma - do próprio sujeito. Não bastará comparar a *certeza* "subjetiva" (em sentido vulgar) e a verdade "objetiva" (igualmente em sentido vulgar), mas será necessário submeter a verdade do objeto à verdade originária do sujeito ou à lógica imanente do seu discurso. Será necessário, em outras palavras, conferir-lhe a objetividade superior do saber que é ciência [...] (HEGEL, 1992, p. 12-13).

Hegel propõe uma situação dialética de um sujeito que é elemento para si, no próprio ato em que constrói o saber de um objeto surgido a partir de suas experiências. Quando Hegel transfere para o sujeito, pelo seu conhecimento, a condição de elemento do próprio saber que Kant unira ao objeto, caracteriza o que compreendemos como processo de formação do sujeito (*Bildung, Kultur*). A *Bildung* representa o movimento de estranhamento e reapropriação entre o espírito e o mundo, enquanto seu objeto, numa dimensão de tensão contínua entre autonomia e adaptação, aceitação e negação do mundo objetivo e afirmação do espírito, contrapondo a natureza.

A efetivação da *Bildung* se dá, por conseguinte no processo de vir-a-ser do indivíduo, pois para o autor estamos eternamente nessa experiência do tornar-se algo, e nesse movimento contínuo os saberes e experiências serão sempre ultrapassados por outros em um ciclo permanente, o qual nunca cessa. Para iniciar esse movimento no seu processo de formação o homem herda as experiências e saberes das gerações passadas, pois os indivíduos são seres históricos, e como tal não se desvinculam da história do mundo, que é a história do gênero humano, a história do espírito do mundo (*weltgeist*). Quando Hegel afirma que:

Quando o espírito rompe com o mundo de seu ser-aí e de seu representar, que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entregar à tarefa de sua transformação. Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente. Na criança, depois de longo período de nutrição tranquila, a primeira respiração - um salto qualitativo - interrompe o lento processo do puro crescimento quantitativo; e a criança está nascida. Do mesmo modo, o espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu *mundo* anterior. Seu abalo se revela apenas por sintomas isolados; a frivolidade e o tédio que invadem o que ainda subsiste, o pressentimento vago de um desconhecido são os sinais precursores de algo diverso que se avizinha. Esse desmoronar-se gradual, que não alterava a fisionomia do todo, é interrompido pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo. (HEGEL, 1992, p. 26).

Refere-se aos avanços da humanidade que ocorreram na história e que são, na verdade, avanços do espírito no mundo, pois o espírito forma-se na história da humanidade. Esse percorrer os degraus da *Bildung* pelo homem faz da sua existência uma verdadeira experiência pedagógica, a qual não se limita ao espaço escolar, mas é alimentada por esse. Hegel propõe assim uma *Bildung* no âmbito universal da consciência, que pode ser compreendida como uma *pedagogia da consciência*⁶. Nessa pedagogia, o que propõe é uma reflexão filosófica que perpassa todos os momentos constitutivos desta, de forma a compreendê-los. Diferentemente do que fizeram os seus contemporâneos não cabe, segundo o autor, a constituição de um manual escolástico de conceitos, juízos ou fundamentos estáticos. Hegel propõe a construção de um novo homem, diferente daquele constituído na Alemanha do iluminismo, um homem agora cunhado a partir dos ideais da revolução francesa, da *Aufklärung* (conhecimento), livre, possuidor de um conhecimento não apenas escolástico, mas universal. Na perspectiva da *Bildung* hegeliana, o indivíduo

⁶ Nesse sentido é pedagogia, pois segue o caminho que vai do não-saber ao saber. (CHATELET, 1995, p. 72)

deve desvelar o sentido do caminho por si mesmo, deve deter-se na formação da consciência e apreender a estrutura do saber, pois esse caminho é tarefa atrelada ao processo histórico que situa-se muito além da tarefa pedagógica, não podendo ser limitada a uma esfera escolar.

Entretanto, Hegel formula a partir da sua experiência como gestor em Nuremberg questões de ordem pedagógico-escolar, a partir dos discursos proferidos na sua passagem por essa escola ele esboça uma proposta pedagógica configurada em uma educação institucional capaz de efetivar a sua proposta da *Fenomenologia do Espírito*, de forma a constituir a cultura do homem a partir do já formado, educado. Hegel apresenta o conceito de *Bildung* como um roteiro curricular institucionalizado a fim de preparar os indivíduos para a vida pública. Aqui, o autor coloca a escola como uma instituição social, política e econômica, onde o espírito absoluto é manifestado, porém ressaltando que a formação não se finda neste espaço, mas ultrapassa os seus muros, de maneira que atinge a universalidade do saber histórico e da cultura.

Assim, o autor irá colocar a teoria pedagógica como um instrumento necessário à *Bildung*, sendo dessa forma, a posse da cultura, compreendida como condição básica ao desenvolvimento do indivíduo em formação. Como afirma Hegel: “Um homem culto em geral na realidade, não limitou a sua natureza a algo de particular, mas, pelo contrário, tornou-a apta para tudo.” (HEGEL, 1992, p. 44), o que segundo o autor só é possível pela apreensão do tesouro histórico-cultural produzido até então. Por isso, defenderá uma teoria da educação que amplie o círculo de visão da juventude em formação, proporcionando essa tão necessária passagem ao mundo espiritual, uma educação voltada para um processo de autoconscientização, na qual o homem possa se fazer a partir de um projeto universal, marcado pelo desenvolvimento do espírito: espírito absoluto que, ao longo do processo histórico a ser experienciado pelo homem, compreende a natureza e a si mesmo, se tornando livre, ou seja, autoconsciente. O que me permite afirmar que a proposta hegeliana na *Fenomenologia* norteia também a meta de solucionar o *problema pedagógico* – a saber, “qual a melhor forma de educar o homem?” –, que perpassa as atividades intelectuais de seu tempo e se torna uma herança para as gerações contemporâneas.

Para além das ideias hegelianas, temos a contribuição de Humboldt, com as suas *Cartas a Handenberg*, onde postula uma formação que vá além dos muros da escola, perspectiva que trataremos a seguir.

2.3 A *Bildung* em Humboldt

O pensador Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) nasceu em Potsdam, e faleceu em Tegel, nas imediações de Berlim. Foi jurista, alto funcionário do Estado prussiano e estudioso da Antiguidade. Em dezembro de 1808, foi convidado a chefiar o sistema educacional da Prússia, e apesar do pouco tempo que permaneceu no cargo, apenas dezesseis meses, criou os fundamentos para um sistema de ensino que revolucionou a educação na Prússia e o presenteou com uma fama extraordinária em todo o mundo até o século passado. Teve um papel histórico importante ao elaborar um ideal para a educação no início do século XIX. A contribuição de Humboldt para a *Bildung* foi decisiva e pode ser exemplificada através do fragmento literário denominado *Theorie der Bildung des Menschen* (Teoria da formação do homem) que é datado de 1793 a 1795 e foi impresso postumamente. Humboldt desenha nestes textos um retrato de um homem que age incessantemente e cujo espírito está sempre na busca da liberdade:

O verdadeiro fim do homem – não aquele que a inclinação mutável lhe prescreve, mas a razão eterna e imutável – é a *Bildung* mais alta e proporcional de suas forças para um todo. Para essa *Bildung*, a liberdade é condição primeira e indispensável (HUMBOLDT, 1997, vol. I, p. 64)

Para o autor a liberdade é condição *sine que non* para a formação do homem, pois o processo de formação deve e só é possível em um movimento do ser para o mundo, e nunca deve ser internalizado a partir de condições que não lhes pertençam. Esse homem, que pode ser representado pela *Bildung* é um homem livre, que toma suas decisões e que age em si e para si, em última instância é aquele que procura se compreender, fortalecendo a sua razão (o verdadeiro fim do homem), não o homem que as inclinações comandam, mas a razão constante.

O homem, segundo o autor, deve ser compreendido na sua universalidade, deve ser formado na sua totalidade, não apenas ser educado nas suas capacidades

técnicas para o desempenho de funções específicas, de forma a moldar a personalidade para a liberdade, essa formação só é possível a partir de uma contínua interação do entendimento teórico e do arbítrio prático.

Saber é conhecimento científico internalizado, desconhecido da essência, que a ela se agrega em um movimento de inculcar condições externas alheias ao ser, enquanto *Bildung* tem que ser produzida pelo próprio aprendiz a partir da sua subjetividade, em um movimento de ser no mundo. Para tal movimento se dar as faculdades do ser humano precisam ser adestradas, de forma que o homem tenha todas as suas potencialidades desenvolvidas,

Puramente e vislumbrado a partir de sua finalidade, é seu pensamento sempre apenas uma tentativa de seu espírito, de ser compreensível diante de si mesmo, seu agir, uma tentativa de seu querer de se tornar livre e independente, a sua atividade externa toda, em geral, um ambicionar, de não permanecer ocioso em si (HUMBOLDT, 1997, vol. I, p. 235) [...]

Nesse movimento de ser no mundo o homem molda a si mesmo de modo a exteriorizar o belo e o sábio, manifestando a sua natureza. Segundo Humboldt existem quatro faculdades básicas que definem o ser humano: entendimento (*Verstand*), sentimento (*Gefühl*), visão (*Anschauung*) e imaginação (*Einbildungskraft*). Assim pode-se dizer que a sua teoria tem como eixo o desenvolvimento individual da personalidade. Eis porque, em última análise, os seres humanos podem apenas formar-se a si mesmos. Contudo, Humboldt também pensa que há condições institucionais que podem fomentar ou impedir o processo de formação individual e, por isso, ele mesmo apresenta propostas concretas (e eficazes) às condições institucionais de escola e universidade como lugares nos quais a formação ocorre. Para o autor, o pensar não é um processo objetivo, mas está intimamente ligado ao sentimento. É por isso que, além do entendimento, o ensino deve instigar todas as outras faculdades em igual medida. Sendo assim no espaço escolar a *Bildung* deve ser a alma de todas as disciplinas, qualquer assunto tratado deve desenvolver o entendimento e aprofundar a visão, o sentimento e instigar a imaginação, pois por meio da visão, apreendemos impressões sensoriais do mundo exterior que, com ajuda da imaginação, serão associadas a percepções acumuladas no passado, compondo imagens novas em nossa *psique*, permitindo

nos apropriar do mundo, remodela-lo enquanto ideia e realiza-lo no próprio mundo, de maneira que o conhecimento se torna nossa propriedade intelectual.

Formar-se é estabelecer vínculo entre o eu e o mundo; como afirma Humboldt “torná-los mais similares entre si”. Por isso, no processo educativo, o que importa é desenvolver um discernimento crescente, uma compreensão mais profunda, pois todo conhecimento assimilado é base para ideias. E a finalidade última da educação é transformar o esforço individual em uma experiência de totalidade, possibilitando afinar nossa mente e nossa alma no mesmo tom. Como afirma o autor:

A última tarefa de nossa existência: proporcionar um conteúdo tão grande quanto possível ao conceito de humanidade em nossa pessoa, pelo tempo de nossa vida, mas também além do mesmo, através das pegadas do nosso agir vital, que nós deixamos; essa tarefa somente se cumpre através do entrelaçamento de nosso eu com o mundo na ação recíproca mais universal, ativa e livre [...](HUMBOLDT, 1997, vol. I, p.235)

Essa é a dimensão de homem, imaginado na *Bildung* do idealismo alemão, a qual visa uma sociedade composta por homens livres e iguais, pensada como um programa de transformação social a partir da formação dos indivíduos. Humboldt menciona um conceito de humanidade que se perpetua em cada ser humano. A tarefa última de nossa existência que leva nossa humanidade adiante através da ação. Formar seres humanos e não futuros profissionais, esse era o seu ideal. A escola deveria fornecer ao estudante um amplo fundamento de formação e conhecimentos gerais, com os quais ele pudesse atuar livremente.

2.4 A *Bildung* em Heidegger

Aprender significa ajustar nosso fazer e deixar ser ao que corresponde ao mais essencial em cada caso [...] Nós atualmente só podemos, uma vez mais aprender se sempre e igualmente deixamos aprender. (HEIDEGGER, 1994, p. 5 apud KAHLMEYER-MERTENS, 2008, p. 40).

Heidegger diferencia o educar (docente) do educar-se (discente). Para ele, essa diferença se coloca apenas no âmbito da experiência, onde um já viveu o que

ensina e o outro está por vivenciar, porém não há diferença de saberes, somente de experiência vivida.

Heidegger dedicou uma parte significativa da sua carreira ao ensino, o seu mestre foi Edmund Husserl, ao qual sucedeu na cátedra de filosofia na Universidade de Freiburg. Partindo do pensamento de Wilhelm Dilthey, de que a vida é essencialmente histórica e factual, ou seja, o ser humano é sempre motivado a agir por antecipação e por expectativas no âmbito da vida. Heidegger desenvolve o pensamento no qual em modo mais básico de ser, a compreensão se estende às ciências humanas como um processo não metódico. A compreensão é o principal meio de orientação dos homens no mundo, pois a vida do ser humano e o fato de estar-aí no mundo o impulsionam a buscar os meios para se compreender como tal e compreender o mundo que o cerca. Essa compreensão está no pensamento alemão como fundamento essencial à *Bildung*, pois o homem se forma enquanto ser que supera a si mesmo.

Nessa busca por um modelo de formação que leve o homem a essa experiência de questionar-se radicalmente a si mesmo, tendo como questão a vida e a finitude humana, Heidegger faz um retorno aos gregos não com o pensamento de copia-los, mas no sentido de buscar na tradição grega aquilo que pode dar sentido ao processo da formação do homem.

Para Heidegger, a “alegoria da caverna” de Platão, dá concretude plástica à essência da “formação”. No entanto, a “alegoria” não visualiza apenas a essência da formação e a transformação do homem, mas abre igualmente a visão para uma mudança na essência da verdade, pois para o autor “formação” e “verdade” estão interligadas de modo essencial.

Posto isto, só há uma verdadeira formação, na perspectiva filosófica de Platão, quando se questiona a cerca das questões últimas, e um novo posicionamento da questão da verdade surge. No dizer de Heidegger: “é somente a essência da verdade e o modo de sua mutação que possibilita a formação” (Heidegger, 2005, p. 230). Eis a mudança na essência da verdade operada por Platão, podemos retomar da verdade como desvelamento para a verdade como correção, adequação, certeza. Heidegger traz uma reflexão sobre o “tornar-se quem se é” a partir da relação do ser em si tornando-se o ser-no-mundo:

Heidegger em sua análise existencial, pensa o ser-aí como existência em aberto, a ser per-feita por cultivo continuado, permitindo afirmar que a essência do homem estaria no existir e que essa, por sua vez, seria um cuidar por ser e continuar sendo autenticamente (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 25).

Por conseguinte, o homem se forma, do ponto de vista heideggeriano na sua relação com o mundo, através do cuidado que é o que permite uma delimitação ontológica da existência do ser-aí⁷. Temos nessas circunstâncias uma “Pedagogia do cuidado”⁸ que segundo Kahlmeyer-Mertens (2008) “tem como fim pensar o homem em sua relação com o mundo”. Nessa relação com o mundo e com o outro é que a *Bildung* possibilita tornar-se o que se é. O autor postula então uma educação que nasce desse movimento do cuidar, a qual possibilita uma vivência do si e do outro para ser-no-mundo.

Se o ser com (os outros) permanece existencialmente constitutivo ao ser-no-mundo, ele deve poder ser interpretado em face do fenômeno cuidado, que usamos para designar o ser do ser-aí em geral, [...] ocupar-se das coisas não é próprio do ser-com, apesar deste modo de ser, seja um ser para os entes encontrados no mundo. O ente, com o qual o ser-aí se relaciona como ser-com não tem o modo de ser do utensílio à mão, mas é também um ser-aí. Desse ente não se ocupa, com ele se preocupa. Também “ocupar-se” da alimentação e vestuário, tratar do corpo enfermo é preocupação. [...] A “preocupação”, no sentido de assistência social, por exemplo, funda-se na constituição do ser-aí como ser-com (HEIDEGGER, 1996, p. 114).

Pode-se observar que o cuidado assinala um modo de ser no mundo, uma maneira de ser essencial. Para Heidegger, esse cuidado, que pode denotar assistência, zelo ou responsabilidade com alguém é preocupação em vista de uma relação de ser com o outro. Essa relação, esse convívio cotidiano caracterizado por relações duráveis que perpassam a esfera de significações preestabelecidas, que são herdadas, são condutoras das relações do ser-em-si com o mundo de forma a se adequar as conformidades sociais e reproduzi-las, sendo assim aceito pelos

⁷ “O termo ser-aí é tradução da palavra alemã *Dasein*. Sobre essa, lembremos a queixa de alguns literatos, quanto ao de algumas das palavras alemãs terem grande amplitude semântica [...]. Heidegger diria que o ser do homem é ser-aí, entendendo esse modo de ser como expressão de sua essência.” (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 20).

⁸ Em *Ser e Tempo*, Heidegger define cuidado (*sorge*). Em sua análise existencial, Heidegger pensa o ser-aí como uma existência em aberto, a ser per-feita por um cultivo continuado, permitindo afirmar que a essência do homem estaria no existir e que essa, por sua vez, seria um cuidar por ser e continuar sendo autenticamente. É o cuidado é o que permite uma delimitação ontológica da existência do ser-aí (HEIDEGGER, 1996).

grupos com os quais convive e compartilha costumes. Esse desvelo para com o outro marca essa necessidade do homem ser-no-mundo com o outro.

Ao integrar-se e interagir com o outro a partir desse ocupar-se em cuidar, o homem forma e se forma, de maneira que decide os seus atos, seu comportamento pelos modelos do grupo social ao qual pertença. Esse é um modelo “informal” de educação, o qual não é pensado, estruturado, institucionalizado, no entanto marca profundamente o ser do homem.

Também a educação formal, institucionalizada reproduz valores, costumes, nem sempre refletidos, mas internalizados. No entanto, uma educação possível de ser pensada a partir da filosofia de Heidegger, nos dará a possibilidade de experimentarmos a liberdade da imediatez do cotidiano, pois ela nos coloca frente a urgência de escolher um sentido próprio a si, em um esforço de ser singular no mundo. Uma educação que parte da escolha individual, por si próprio e marca o ato de formar-se não a partir do que está fora, mas do que há dentro, no ser em si. Para Heidegger:

O verdadeiro aprender está, pela primeira vez onde o tomar aquilo que já se tem é um dar a si mesmo e é experimentado enquanto tal (sentido) [...] não se deve informar mas ensinar, quer dizer fazer aprender. Aquele que ensina está a frente daquele que aprende apenas naquilo que tem ainda mais a aprender do que a saber, fazer aprender. (HEIDEGGER, 1999, p.5)

Portanto, o aprender não depende do outro como alguém que ensina, mas depende do outro possibilitar que se possa manifestar o que já se conhece, assim o papel de quem educa é somente estimular o aprendiz a despertar o seu próprio saber. Dessa forma, o homem forma a si mesmo num movimento de manifestar o seu ser-em-si ao mundo. Para Heidegger a *Bildung* se concretiza nesse movimento do ser-em-si com o outro.

Em *Ser e Tempo* Heidegger realiza uma retomada da pergunta pelo ser, voltando-se para o *Dasein*⁹, o ente capaz de fazer as perguntas pelo Ser dos entes

⁹ O termo *Dasein* é usado por Heidegger para se referir ao modo de ser do ser humano para além de atribuições de propriedades substanciais. Esse termo é resultado da junção da forma verbal e nominal *sein* (ser ou estar) com a palavra *da*, que no alemão possui inúmeros significados. A palavra *da* pode servir para indicar um lugar: “lá”, “aqui”, “ali”, “aí” etc., como pode servir para indicar o tempo: “então” e “desde”. Além disso, o *da* também pode ser empregado com o sentido de: “pois”, “porque”, “então” etc. Na filosofia heideggeriana, os sentidos de lugar e tempo da palavra *da* se interpenetram no termo *Dasein*. Na tradução mais aceita do termo, ou seja, ser-aí, vemos então incorporada a ideia de um ser (que é também um estar) localizado espacialmente e temporalmente em um mundo. O que

em geral e ao mesmo tempo se derivar delas. Embora haja grande dificuldade para dar contornos claros ao conceito, sejam eles biológicos, psicológicos, antropológicos ou sociológicos, o autor define de forma lenta, circular e hermenêutica pontos de partida que vão configurando o *Dasein* como um ente já lançado em um mundo povoado por uma diversidade de outros entes no mundo.

O *Dasein*, no entanto não se define como um ente simplesmente presente num mundo livre do problema do seu sentido ou de sua tradução. Nem, no entanto, se assemelha a uma consciência que abrange os entes na totalidade do seu ser. O mundo que o *Dasein* compreende como totalidade significativa ou contextual é, simultaneamente, algo que o transcende, que o precede, que tanto possibilita quanto limita seu existir. Esse existir para o *Dasein*, se dá sempre “entre dois mundos”, um fático onde se vê já sempre lançado, outro existencial que se define ao longo do seu projeto, essa ambivalência entre *Dasein* e mundo leva o autor a pensar o Ser. Deste modo, a pedagogia heideggeriana estará sempre ligada ao questionamento do *Dasein* enquanto modo de ser mais próprio do homem.

Para Heidegger, a verdadeira experiência de formar está na relação do ser com o seu próprio conhecimento. Portanto, nessa perspectiva, aprender é mais difícil do que ensinar, pois quem ensina é somente um facilitador do processo do aprendizado. Heidegger entende que a educação está fundamentalmente relacionada à vida.

é importante perceber é que, pelo “*da*” ser uma palavra plurissignificativa, o ser-aí assume ao mesmo tempo um passado vivo, um “então” (*da*), que é concretizado no “aqui” (*da*) presente, que também se projeta em um lá (*da*) futuro. Sobre mais outros esclarecimentos acerca do conceito de ser-aí, cf. DAHLSTROM, D. *Heidegger's concept of truth*, p. xxiv-xv, 2005.

3 GADAMER: A *BILDUNG* EM VERDADE E MÉTODO

Gadamer faz uma retomada do conceito, a partir de sua origem, ou seja, pretende reorientar o sentido mais original do conceito *Bildung* pelo processo de “imitação” de imagens (*Bild*). Ele trata deste tema na primeira parte de *Verdade e Método*, na qual pretende pensar a relação do homem com a arte. Como um modelo representativo para pensar as ciências humanas e, em última instância, a própria filosofia. É este novo modelo que será retomado de modo crítico aos paradigmas metodológicos das ciências naturais que, na perspectiva de Gadamer, limitam a própria ideia de verdade.

Segundo Hans-Georg Gadamer, o conceito de formação contempla o radical *Bild*, que significa, ao mesmo tempo, “imagem imitada” e “modelo por imitar”. (GADAMER, 1997, p. 49). A “imitação” de um modelo pré-estabelecido, através de sua imagem, está na raiz da constituição do conceito moderno de formação cultural, o qual, na perspectiva de Gadamer, tem expressão máxima na filosofia hegeliana.

Para Gadamer, Hegel havia definido o caminho para o processo de realização da formação cultural, na *Fenomenologia do Espírito*, a partir de uma análise baseada na tríade das categorias dialéticas do movimento da consciência. No auto movimento do conceito, para ele o indivíduo, ou “em si”, se exterioriza no real, se aliena no “para o outro” e depois retorna enriquecido ao “para si”.

Bildung, diz Gadamer (2014, p. 53), “não trata de um procedimento ou um comportamento referente à sensibilidade ou à instrução acadêmica. É fundamentalmente, o sentido que se formou”. É a questão do “ser que veio a ser”. É preciso que haja uma receptividade, uma sensibilidade para o outro e a *Bildung* é isso: a elevação ao comum com o outro. Assim, a consciência formada se diferencia dos sentidos naturais, porque eles se restringem a determinadas dimensões, enquanto a consciência age em todas as direções.

[...] o resultado da formação não se produz na forma de uma finalidade técnica, mas nasce do processo interior de formulação e formação, permanecendo assim em constante evolução e aperfeiçoamento [...] É justamente nisso que o conceito de formação supera o mero cultivo de aptidões pré-existentes, do qual deriva. (GADAMER, 2014, p. 46)

Como modo de formação do homem, como processo de devir e não como fim técnico, a *Bildung* possibilita ao ser em formação apreender aquilo que lhe é instruído em um movimento de tornar-se o que se é a partir do contato com a tradição que o precede, de expressar o que já possui, mas que só pode ser expresso no processo de formação e dessa forma ao possuir aquilo que lhe foi possibilitado, que lhe formou, o obtido passa a ser herança viva, passa a ser preservado no espírito histórico da época.

A *Bildung* é um conceito repleto de sentidos que nos esclarece sobre as mudanças espirituais ocorridas ao longo da história, está ligada a ideia de aperfeiçoamento de faculdades e aptidões espirituais, mas já foi definida no passado como descrição de uma forma natural, e posteriormente como conceito cultural.

Gadamer analisa o conceito de formação a partir desta perspectiva. Pretende desnudar a *Bildung* de seu caráter mais técnico e pensa-la de modo mais amplo, relacionada ao modo de ser e reconstituir enquanto homem histórico e finito. Como devedor do pensamento de Heidegger, em retorno ao sentido mais genuíno de *Bildung* para, pela consideração existencial do homem em seu modo de ser mais autêntico. Para Gadamer formação é um conceito que vai muito além da definição que hoje se dá à palavra a qual está estreitamente ligada ao conceito de cultura e pode ser definida como a capacidade humana de aperfeiçoar as suas aptidões e faculdades:

No conceito de formação percebe-se quão profunda é a mudança espiritual que nos permite parecer contemporâneos do século de Goethe, e em contrapartida considerar a época barroca como um passado pré-histórico[...] o fato de a formação (assim como a atual palavra "*Formation*") designar mais o resultado desse processo de devir do que o próprio processo corresponde a uma frequente transferência do devir para o ser (GADAMER, 2014, p. 44).

Assim, formação se refere a algo mais geral, mais elevado e designa um modo de ser que está relacionado ao conhecimento, de forma vinculada a um comportamento, ligado às experiências que perpassam a vida humana em sua radical imanência.

A *Bildung* conforme foi entendida pelo idealismo alemão tem em si uma profundidade que o conceito atual não abrange remontando a antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em si a imagem de Deus, sob a qual foi

criado e pela qual deve reconstruir-se. Dito de outra forma, *Bildung* se refere à determinação da essência humana em seu juízo – sua racionalidade - como um todo: “É da essência universal da *Bildung* humana, fazer de si um ser espiritual universal” (GADAMER, 2014, p. 49). O termo “formação” contemporâneo, designa mais o resultado do processo do devir do que a transferência do devir para o ser, no entanto a formação não ocorre a partir de uma finalidade técnica, mas nasce de um processo interior de formulação e formação e está em constante movimento evoluindo e aperfeiçoando-se, sendo assim ela não pode ser o cultivo de aptidões inatas, mas antes é um processo de apropriar-se do que é instruído por alguém e integrar-se ao que é assimilado, de forma que nada do que foi aprendido se perde, mas tudo é conservado, sendo assim um conceito genuinamente histórico. É este conceito que interessa às ciências humanas:

Porque o ser do espírito está vinculado essencialmente com a ideia de formação. O homem é assinalado pela ruptura com o imediato e o natural, o que lhe é exigido através do lado espiritual e racional de sua natureza. “segundo esse lado ele não é, por natureza, o que deve ser”, razão pela qual tem necessidade de formação. O que Hegel denomina de natureza formal da formação, repousa na sua universalidade. (GADAMER, 1997, p. 51).

Para Gadamer, a noção de formação em Hegel é uma forma de elevação à universalidade, ou seja, não se limita à formação teórica, nem significa um comportamento teórico em oposição a um comportamento prático, mas antes, abrange o conjunto da determinação essencial da racionalidade humana. O fim último da formação humana é tornar-se um ser espiritual no sentido universal, não fazer isso é ser inculto. A formação universal exige um sacrifício do individual, em favor do universal, o que eleva o homem a autoconsciência em si e para si:

Para Hegel, a formação da autoconsciência livre do homem implica na apreensão de seu *ser-para-si*, pois “Somente como razão cultivada e desenvolvida – que se fez a si mesma o que é em si – é homem para si; só essa é sua efetividade” (HEGEL, 2001, p. 39).

A importância desse conceito reside no sentido de que o desenvolvimento do ser-em-si do homem, compreendido como *ente natural* é parte e produto de um devir, ou seja, é imprescindível cultivar suas qualidades para chegar a ser um *ser*

universal. O homem não é por natureza o que deve ser, portanto requer a *formação cultural*¹⁰. Para Gadamer formação não é fim, não é uma forma de cultivar aptidões, pois não é algo já existente, mas o meio pelo qual o homem se forma e nesse formar-se o próprio processo é totalmente assimilado:

Na consciência autônoma que o trabalho propicia à coisa a consciência que trabalha se encontra a si mesma como uma consciência autônoma. O trabalho é a cobiça inibida. Ao formar o objeto, portanto, enquanto ela é ativa de modo destituído do próprio e em busca de um sentido universal, eleva-se a consciência que trabalha, acima do imediatismo, de sua existência numa universalidade [...] ao formar a coisa forma a si mesma (GADAMER, 2014. P. 57).

O homem se forma na experiência efetiva de estar imerso na história, pois ao interagir com algo que lhe é estranho, apreende o objeto e nessa relação de interação torna-se outro. Ainda nessa dimensão do entendimento sobre a formação prática reconhece-se a determinação histórica: reconciliar-se consigo mesmo e reconhecer-se a si mesmo no ser-outro. (GADAMER, 2014, p. 49). Fica ainda mais claro este reconhecer-se historicamente, na formação teórica, a qual leva o homem a um distanciamento do imediato, a um ocupar-se de algo de natureza estranha, com algo da reminiscência pertencente à memória e ao pensamento, assim o homem precisa refletir sua liberdade, suas possibilidades do já assimilado na experiência e no devir. Diz Gadamer:

Com isso fica claro, em Hegel, que não é o alheamento como tal, mas o retorno a si, que, sem dúvida, pressupõe o alheamento que perfaz a essência da formação. Nesse caso a formação não deve ser entendida apenas como o processo que completa a elevação histórica do espírito ao sentido universal, já que ela é ao mesmo tempo também o elemento, no interior do qual o que é formado se move. (GADAMER, 1997, p. 55).

Porém esse olhar sobre si mesmo só se efetiva a partir da essência verdadeiramente universal do espírito. A formação desta perspectiva hegeliana dá-se desde a aquisição da linguagem e em todos os momentos da experiência do ser e se realiza no movimento de abstração e apropriação num total apoderamento da

¹⁰ Traduzir a *Bildung* pela expressão *formação cultural* é uma proposta que garante sua complexidade, pois é revestida por um significado duplo, a saber: o ideal pedagógico formativo assentado em solo institucional, cultural, e o ideal de um auto cultivo, não necessariamente atrelado a uma instituição formativa (NICOLAU, 2013).

substância a qual só é possível pela dissolução de toda essência objetiva, o que só acontece no saber absoluto da filosofia.

O conceito de formação em Gadamer retorna à análise da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e mais adiante faz uma análise sobre o conceito de formação em Heidegger. Para Hegel, formação é o percurso do espírito para reconciliar-se consigo mesmo, pois o espírito precisa realizar esta caminhada de uma maneira concreta para saber o que ele não é, para assim, poder retornar com propriedade ao que ele é, ou seja, ele realiza uma série de negações para enfim, após estas negações haver uma reconciliação consigo mesmo.

Porém Hegel não responde totalmente aos questionamentos de Gadamer sobre o sentido da formação e este busca então em Helmholtz as questões que possam dar respostas a suas buscas:

A formação não deve ser entendida apenas como o processo que realiza a elevação histórica do espírito ao sentido universal, mas é também o elemento onde se move aquele que se formou. Que elemento será esse? Aqui começam as perguntas que tivemos que fazer a Helmholtz. A resposta de Hegel não poderá nos satisfazer, pois, para Hegel, a formação como movimento de alheamento e apropriação se realiza num total apoderamento da substância, na dissolução de toda a essência objetiva. (GADAMER, 2014, p. 50).

Para Helmholtz, a formação está ligada a dois conceitos, o senso artístico e o tato, são esses dois elementos que permitem ao espírito uma mobilidade livre, por isso segundo ele “o pensamento do historiador e do filólogo acabam confluindo”. (GADAMER, 1997, p. 55)

Essa memória que permite a experiência histórica da *Bildung* não pode ser explicada de forma clara, pois depende de experiências anímicas, as quais não são passíveis de serem examinadas de forma objetiva ou pelas ciências da natureza, assim sendo função do tato perceber essas sutilezas e compreender a partir de elementos subjetivos. Aliás, segundo Helmholtz, “não podemos apreender essencialmente a própria memória se não pudermos perceber nela uma capacidade genérica” (GADAMER, 2014 p. 56). Deste movimento de reter, esquecer e lembrar faz parte a história da formação do homem. A memória tem de ser formada, ela faz parte desse ser limitado-histórico do homem. Esse ser limitado, é que permite ao homem esquecer e lembrar e esquecer novamente, pois é somente nesse

movimento de esquecer que o homem pode renascer de novo para o velho com um novo olhar sobre o que já conhece.

Para Gadamer, esse movimento do reter e esquecer contém como memória a conexão com a lembrança, acontecendo o mesmo com o tato, que permite apreender a experiência do sensível e conseguir nos posicionar em situações para as quais não fomos preparados, tudo isso faz parte do processo do devir da formação:

Por isso a não-expressividade e a capacidade de expressar pertencem ao tato. A gente pode dizer alguma coisa com o tato. Mas, isso irá sempre significar que, com tato, contornamos algo e não o dizemos, e que não temos tato para exprimir o que só se consegue contornar (GADAMER, 1997, p. 57).

Esse tato do qual fala Helmholtz, não é igual ao movimento da moral e da lida, mas é uma experiência do comum essencial, não é apenas um senso, pois não se esgota no inconsciente, esse tato é uma forma de conhecimento, uma forma de ser, é o movimento de formação e forma o sentido histórico e estético. Assim o ser que desenvolve esse sentido estético sabe discernir o que é feio do que é belo e com sentido histórico o que é possível e o que não é numa época. Diz Gadamer:

É assim que quem possui sentido estético sabe separar o belo e o feio, a boa e a má qualidade, e quem possui sentido histórico sabe o que é possível e o que não é não é possível para uma época e tem sentido quanto à diversidade do passado em face do presente (GADAMER, 2014 p. 58)

Tudo isso é pressuposto da formação, não apenas um comportamento ou um processo, mas é o ser que deveio, é a condição para se manter aberto ao novo, ao outro, num movimento constante de olhar sobre si mesmo e se ver como os outros veem numa experiência do que é universal, um sentido universal e comunitário, essa é uma formulação para o sentido de formação. O ser formado deve ser capaz de olhar a si mesmo através do outro, de forma que possa compreender esse movimento do que é comum. Segundo ele:

Quando nós, porém em nosso idioma dizemos formação, estamos com isso nos referindo a algo ao mesmo tempo mais íntimo, ou seja, a índole que vem do conhecimento, e do sentimento do conjunto do empenho espiritual e

moral, a se derramar harmoniosamente na sensibilidade e no caráter (GADAMER, 2014, p. 48)

Portanto, a formação é experiência do ser em si para o mundo, não um processo de internalização, do desconhecido, mas do que se sabe conhecer. Em Hegel, este processo de formação só se da com o outro, é um processo de reconhecimento no outro, pois, é uma relação onde eu me torno o outro para que possa me encontrar e ser eu mesmo, esse tornar-se outro só é possível através do diálogo. É na relação dialógica que apreendo o que há de meu no outro e vice-versa. O diálogo se constitui, portanto uma possibilidade de experimentar nossa singularidade e a experiência do outro com suas objeções ou aprovações. Ele se concretiza quando deixa algo do outro em nós.

Gadamer considera que a educação cumpre o seu papel à medida que promove uma formação abrangente, permitindo ao homem desenvolver as suas capacidades e traçar um caminho de compreensão de si e do mundo de forma mais ampla, não se limitando, assim a uma formação técnica, especializada, como hoje se caracteriza em grande parte da sua ação pedagógica.

Essa ideia de formação se concretiza através do diálogo, o qual possibilita a troca entre professores, alunos e comunidade educativa, de forma que a formação se concretiza nesse movimento constante da fusão de horizontes¹¹. Segundo Gadamer é graças ao acontecer dialógico da compreensão que a educação efetivamente acontece em seu sentido mais geral. Também para Hermann:

Uma perspectiva hermenêutica na educação retoma seu caráter dialógico com toda a radicalidade. Reafirma-se aqui o dito de Gadamer de que “só podemos aprender pelo diálogo”, porque nesse processo é o próprio sujeito quem se educa com o outro. O diálogo não é um procedimento metodológico, mas se constitui na força do próprio educar – que é educar-se – no sentido de uma constatação de confrontação do sujeito consigo mesmo, com suas opiniões e crenças, pela condição interrogativa na qual vivemos. (HERMANN, 2002, p.94)

¹¹ Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto. Aplicando-se à consciência pensante falamos então da estreiteza do horizonte, da possibilidade de ampliar o horizonte, da abertura de novos horizontes etc. (...) Aquele que não tem horizonte é um homem que não vê suficientemente longe e que, por conseguinte, supervaloriza o que está mais próximo. Pelo contrário, ter horizontes significa não estar limitado ao que há de mais próximo, mas poder ver para além disso. Aquele que tem horizontes sabe valorizar corretamente o significado de todas as coisas que caem dentro deles, segundo os padrões de próximo e distante, de grande e pequeno. (GADAMER, 1997, p.452)

Como expõe a autora, para a hermenêutica filosófica não é mais possível a absolutização da subjetividade moderna, onde o sujeito racional é a medida da verdade no processo do conhecimento, mas o diálogo, este como condição vital ao processo do conhecimento que pressupõe a interação entre sujeito e objeto, entendendo que dialogar não é confrontar falas, opiniões ou interpretações particulares, mas sim transpor-se para o horizonte de possibilidade das interpretações, dos sentidos no encontro com o outro.

Pode-se concluir então que a base primeira da formação é um constante movimento interno e externo que se renova permanentemente reforçando, assim, o caráter filosófico do processo educativo.

Gadamer afirma que o que caracteriza o homem é a ruptura com o imediato e o natural, essa vocação lhe é atribuída pelo aspecto racional e espiritual de sua natureza. Ainda para Gadamer, o que Hegel chama de natureza formal da formação repousa na sua universalidade. A essência universal humana é tornar-se um ser espiritual, no sentido universal. Na interpretação de Gadamer, quem se entrega à particularidade é inculto (do alemão: *Ungebildet* - que significa não-formado). Podemos perceber, portanto, que cada indivíduo precisa se educar de uma maneira singular, embora sempre se forme com o outro.

A questão da formação nos leva a pensar em uma experiência de abertura mais ampla de diálogo com o outro, de forma que possa ampliar o nosso horizonte de compreensão, em uma dinâmica de ser com e para o outro enquanto processo de formar-se e tornar-se algo que não se limita ao seu próprio universo individual de relações com as coisas, mas o supera, ao reconhecer-se como parte da comunidade. Nesta perspectiva de uma formação para o universal num processo de ser o que se é, não cabe uma formação que limite o homem ao simples desenvolvimento de capacidades técnicas, e de competências adquiridas.

Trazendo ainda conceitos básicos do humanismo em Gadamer a partir da sua hermenêutica filosófica no intuito de reabilitar o conceito *Bildung* e assim iluminar a contemporaneidade com a possibilidade de novos caminhos que levem o homem a uma experiência formativa que lhe permita ser plenamente e desenvolver as suas capacidades humanas e técnicas de forma que possa se elevar ao universal. Reabilitando, assim no fazer pedagógico a experiência do ser-em-si perdida ao longo da longa jornada da humanidade na busca por um modelo de ciência que lhe

dê respostas exatas para questões complexas, suprassensíveis, não passíveis de serem medidas por processos naturais e concretos. Para Flickinger:

O conceito de formação hoje considerado clássico, remete a ideias vinculadas às noções *Paideia* e *Bildung*; noções estas que fogem de uma tradução direta, de uma palavra só. A *Paideia* dos filósofos gregos traz consigo uma forte concepção ética, pouco presente na concepção contemporânea da educação [...] Porém, nem a concepção primordialmente ética da *Paideia*, nem a expectativa de poder conquistar sua autodeterminação por meio da *Bildung* marcaram o nosso entendimento do conceito de formação hoje. Muito pelo contrário, esse conceito parece ser cada vez mais distante de qualquer comprometimento com essas raízes (FLICKINGER, 2010, p. 178)

Isto posto, pode-se entender, segundo as ideias do autor que o projeto de formação configurada como *Bildung*, como já apontou Gadamer, parece não ter florescido e até muito ao contrário deu lugar a um processo de educação tecnicista e reducionista, o qual se manifesta num crescente. É esse um elemento. E o que se pode aferir desses acontecimentos, o que levou a sociedade a produzir uma educação que desqualifica o processo de ser no mundo para produzir para o consumo?

Há algumas questões, que segundo Flickinger, devem ser consideradas como o “ atual cenário sócio econômico, revelando a dinâmica de um processo ao qual a educação está presa” (FLICKINGER, 2010, p. 178-179). Essa dinâmica do capitalismo moderno, que tem levado a sociedade a um processo de globalização, e se coloca frente a instituição escolar como fator determinante da condução da formação dos indivíduos, na busca por responder às necessidades imediatas produzidas e reproduzidas por esse mesmo processo socioeconômico e cultural que esvazia o homem de si.

Nesta dimensão da formação Gadamer busca a partir da sua hermenêutica filosófica retomar o caráter mais fundamental da educação. Segundo ele o conceito de *Bildung*, hoje, está intimamente ligado ao conceito de cultura e, portanto designa a capacidade do homem desenvolver suas capacidades técnicas e menos de formar o caráter. Para o autor pensar a ideia de formação hoje é retornar ao caráter mais fundamental do processo formativo, o qual encontra-se profundamente degradado, devido ao domínio da técnica e da especialização o que gera uma conseqüente tecnicização da educação e da escola. Nessa direção, Hermann busca localizar o papel da hermenêutica filosófica nesse cenário. Segundo a autora:

Uma abordagem hermenêutica da educação retoma a formação humana enquanto um conceito histórico que coagula uma longa tradição e que se constitui em elemento vital para as ciências humanas [...] A formação, considerada algo que nos é possibilitado pela tradição, age em direção contrária à do reducionismo técnico, que não consegue ser fundador de sentidos. (HERMANN, 2002, p. 99)

Desta perspectiva, o papel da hermenêutica então pode ser dito como a tentativa filosófica de livrar a formação cultural do aprisionamento ao espírito cientificista moderno - exemplifica-se no procedimento adotado na primeira parte do livro *Verdade e Método*. Gadamer promove aí uma revitalização da efetividade da obra de arte para a vida. Remetendo neste exemplo o aspecto pedagógico da compreensão como uma forma de diálogo com o passado.

A hermenêutica se constitui, assim, como um pensamento pós-metafísico, uma vez que não pretende buscar as certezas estáveis da razão moderna, questiona a própria concepção de razão, fazendo uma crítica que se constitui por um retorno aos elementos pré-modernos, que compreendiam a razão como um ente que participa do todo da natureza e aí estabelece seu lugar. A experiência de retorno ao passado é vista sob este mesmo prisma, porque não desloca a experiência para o plano metafísico e sim a desvela como mais um acontecimento da história conceitual do objeto em relação com o sujeito. A recusa em fixar o movimento no conceito totalizante levou Gadamer a procurar uma redefinição da formação cultural, confrontada permanentemente com a *tradição* e a *linguagem*. Estas dimensões constituem o “outro” com o qual o homem se confronta.

Uma das importantes contribuições de Gadamer para a educação se revela pelo aspecto dialógico de toda compreensão, ou seja, compreende-se não de forma direta e intuitiva, mas a partir de referenciais caracterizados como preconceitos ou modos de ser da própria existência. Poder-se-á dizer que a constituição do ser humano, enquanto compreensão se dá na linguagem, o que determina um pré, ou um dado fundante e anterior ao próprio sujeito. Assim:

O sentido da educação não emerge de uma abstração, de uma subjetividade pura, nem encontra sua produtividade quando se entrega a rede de técnicas e procedimentos metodológicos, mas da entrega à própria experiência educativa, aceitando o que ela tem de imprevisibilidade. (HERMANN, 2002, p. 87).

A compreensão, no sentido hermenêutico, sempre está inacabada e mantém-se aberta para novas articulações e modificações de sentido. A aplicação deste conceito de projeto ou de abertura no campo da educação fortalece a ideia de que a educação não se limita a um período da vida, mas ocorre durante toda a existência. O que mantém o movimento da compreensão é a disposição para o novo e para o diferente que para Gadamer também se encontra no horizonte da tradição.

A educação surge como uma experiência hermenêutica de compreensão. Para o campo específico da escolarização, que coloca como objetivo a educação, pode-se dizer que a atividade na escola deve ser provocativa, no sentido de que deve proporcionar situações que estimulem o aparecimento dos posicionamentos prévios presentes nas articulações de sentido já constituídas. “Enquanto está em jogo, é impossível fazer com que um preconceito salte aos olhos; para isso é preciso de certo modo provocá-lo.” (GADAMER, 2014, p. 395). Se for possível, no caso do trabalho escolar, perceber os limites de determinado preconceito, a articulação que dá sustentação ao sentido se modifica, e, ao se modificar, interfere no próprio sentido e na relação com o todo.

A partir desse modo filosófico de pensar o mundo, a hermenêutica pode oferecer uma contribuição valiosa às ciências humanas e especialmente à educação. Nesta perspectiva, sobretudo na medida em que permite um auto esclarecimento de suas bases teóricas e de suas contradições, e uma revisão dos limites das regras metodológicas impostas de forma única e definitiva como aparecem na pedagogia tradicional-cientificista¹². Hermann, salienta que, “abrir novas possibilidades de reflexão é basicamente o desafio de uma abordagem hermenêutica”. (HERMANN, 2002, p. 29).

A autora mostra como Gadamer deu a hermenêutica filosófica um rumo diverso da que havia tomado a hermenêutica geral das assim chamadas ciências do

¹² O termo cientificismo (Sientisme) surgiu na França durante a segunda metade do século XIX. Na atualidade, é utilizado para indicar a posição ideológica que tem na ciência ocidental moderna a única forma confiável de explicação sobre a natureza, com exclusão dos demais sistemas de conhecimentos (Alves, 2005). O cientificismo, de acordo com Chassot (2003), é crença exagerada no poder da ciência. A principal característica do cientificismo é o naturalismo acentuado e a objetividade, entendendo os produtos da ciência como aplicáveis universalmente. Segundo Batista (2014), a pedagogia tradicional-cientificista promove uma prática pedagógica cientificista, centrada unicamente na transmissão e reprodução de conhecimentos científicos considerados como sendo os únicos verdadeiros e factuais e, além disto, destituídos dos contextos, seja da própria ciência e/ou das realidades dos estudantes. Se observada a trajetória histórica da educação brasileira é possível inferir que o cientificismo nesse contexto tem relação direta com a pedagogia transmissiva – também conhecida como pedagogia tradicional ou ensino tradicional – que teve a sua origem no país com a chegada dos padres jesuítas em 1549.

espírito. “A originalidade de sua concepção exposta em *Verdade e Método* refere-se às condições de possibilidades sob as quais se realiza a compreensão. Trata-se de um esforço para demonstrar que o conhecimento não é fruto da pura subjetividade transcendental, mas sim dá historicidade e da linguagem” (HERMANN, 2002, p.41-42).

Deste modo, argumenta que a racionalidade hermenêutica nos permite acesso ao mundo pelo fato de estarmos implicados no processo de conhecimento que de algum modo nos dá uma direção. Mas para nos orientar temos de reconstruir e interpretar o processo de uma forma convincente. O sentido que uma hermenêutica busca é validado no diálogo com outras interpretações. Pois é, “no dizer que o pensar se realiza, e por isso a palavra é o entregar-se do pensamento ao outro” (HERMANN, 2002, p.68).

Assim o nosso conhecimento tem raízes na prática das relações pré-científicas, pré-reflexivas que mantemos com as coisas e as pessoas que nos permitem encontrar outros possíveis sentidos para a ação educativa mais ampla.

Nesse sentido mostra que a possibilidade compreensiva da hermenêutica amplia o sentido da educação. “Mas o que significa essa ampliação dos sentidos?” A pergunta serve para Hermann mostrar que ao expor o reducionismo de entender a educação para além da normatividade técnica, onde o outro se torna objetivado seja por relações de poder ou por imposições técnicas que condicionam o apreender, a compreensão hermenêutica vem indicar que educar pressupõe abertura ao outro, apontando a história e a linguagem como elementos estruturadores de nosso acesso ao mundo e de nosso aprendizado. É em favor de uma abertura da experiência educativa que a autora situa a afirmativa de Gadamer (GADAMER 2001, p. 15 apud HERMANN, 2002, p.85) que diz “educar é educar-se”.

Nessa palestra proferida por Gadamer na Escola Dietrich Bonhoeffer, em Eppelheim, em 2001, no contexto de uma série de palestras sobre o tema “educação em crise – uma oportunidade para o futuro”. Gadamer expressa algumas ideias surpreendentemente provocativas e nada convencionais sobre o processo da educação na família, na escola e na universidade. Segundo o editor Ulrich Gebrand (2001, p. 26-27) as ideias de Gadamer giram especialmente em torno de temas como o papel preponderante do saber falar e da aquisição da língua; a “relativa” possibilidade de influência do educador sobre a educação dos alunos; as oportunidades e os perigos dos meios de comunicação de massa para a cultura da

comunicação; a questão do saber especializado da formação geral; o significado dos currículos escolares; os métodos de ensino e as disciplinas escolares com ênfase na matemática; a massificação das universidades; o *Ethos* da produtividade e do desempenho; o otimismo em relação ao progresso e as especializações com vistas ao processo de sentir-se em casa no mundo.

Essa observação implica em reconhecer que os envolvidos no processo de educar devem permanecer abertos e dispostos a aprender com o outro. Sobre a importância da auto experiência compreensiva, Gadamer afirma o seguinte: “o que eu ensinava era sobre a práxis hermenêutica. Esta é antes de tudo uma prática, a arte de compreender e tornar compreensível. É a alma de todo o ensino” (GADAMER 1992, p. 389 apud HERMANN, 2002, p.85). Esta observação pode ser utilizada tanto para o ensino em geral e para a ação pedagógica, ou seja, para Hermann: “a ação educativa, enquanto reflexão hermenêutica, implica na compreensão de algo ou alguém, produz-se uma autocrítica,”(HERMANN, 2002, p. 85). Desse modo, aquele que compreende não adota uma atitude de superioridade intelectual, mas entende que é essencial submeter a exame suas verdades, colocando em jogo seus próprios juízos prévios. Isto ocorre no espaço do diálogo, gerando a atitude de autocrítica. Numa abordagem hermenêutica da educação não pode deixar de reconhecer, conforme Hermann: “a fecundidade da experiência de estranhamento, pela constante necessidade de ruptura com a situação habitual, como exigência para penetrar no processo compreensivo” (HERMMAN 2002, p.87), é exatamente a desorientação e a desestabilização que serão constituidoras de sentido.

Conclusão

Concluimos então que, por mais que o pensamento hermenêutico possa trazer grandes contribuições para a educação, estas não virão no formato de uma nova teoria sobre a qual poderemos mapear orientações sobre “como se deve fazer”. Nesse mesmo sentido, Gadamer, diz-nos que “aquele que quiser tirar algum ganho da filosofia prática precisará estar preparado da maneira correta” (GADAMER, 2014, p.160), o que significa dizer que não é somente o domínio

teórico, mas também o domínio prático e compreensivo o que possibilita traduzir o conhecimento em ações efetivas.

Assim, na educação, a hermenêutica filosófica tem como um dos desafios manter-se afastada de pretensões instrumentalistas, ao mesmo tempo em que explicita o caráter formador e transformador da própria educação. Segundo Hermann uma abordagem hermenêutica de *Bildung*, é de vital importância para as ciências humanas, pois assim pode-se retomar o conceito de uma perspectiva histórica e resgatar uma longa tradição do mesmo e nos conduzir a perspectiva de formação que extrapola o sentido técnico e vai além, na própria concepção de homem. Esta perspectiva denota a capacidade humana de formar-se na relação com o outro numa constante fusão de horizontes de sentidos, que não mais está fechado em si, pois para formar-se o homem compreende e nesse movimento da compreensão ele funde-se ao outro num constante devir. Esse movimento de compreensão está ligado ao sentido do saber cultural.

Essa formação possibilitada pela tradição¹³ age em sentido oposto ao reducionismo técnico que não consegue fundar sentidos. A ideia de formação na perspectiva hermenêutica traz uma contribuição no sentido de superar o lapso que há entre o mundo moderno e o “sujeito” com seus desencontros e incomunicabilidade, pois compreender pode tanto fundamentar o distanciamento do “eu”, quanto pode criar as condições reflexivas para a fusão das experiências de mundo:

[...] porque a compreensão – conforme a hermenêutica a problematiza – pode tanto fundamentar o distanciamento do “eu”, da singularidade que vivencia as emoções, pulsões, quanto criar as condições reflexivas para a produção de um mundo comum que não seja apenas um modo de o sujeito sobreviver, mas que tenha sentido, que estabeleça vínculos entre o mundo e o “eu”. (HERMANN 2002, p. 101).

Segundo a autora conceitos fundamentais como o de “círculo hermenêutico”¹⁴, mostram que em todas as nossas ações racionais projetamos o

¹³ Fluxo contínuo de sentido que nos perpassa pela linguagem. A tradição comporta-se como um tu, como algo com o qual nos relacionamos e que, por sua vez, possui um comportamento autônomo em relação ao objeto, não se confundindo com ele, ou seja, é algo que se comporta em relação a um objeto e não um objeto sobre o qual a nossa consciência se debruça. Assim, a relação entre nós e a tradição comporta-se nos mesmos moldes que a relação eu-tu.” (CROCOLI, 2012, p. 38).

¹⁴ A compreensão dá-se por etapas, por movimentos aproximativos circulares que vão organizando sistematicamente as partes conhecidas, dentro de um sentido global. Essa interação dialética entre a parte e o todo e vice-versa, da qual emana o sentido, recebe a denominação de círculo hermenêutico.” (CROCOLI, 2012, p. 26).

tempo todos os valores e juízos, de forma que se fundem com novos horizontes de sentidos, não mais particulares, mas parte de uma comunidade de compreensão. Essa fusão de horizontes nos permite compartilhar conhecimentos, simbolizações, expectativas. Esta experiência traz aos sujeitos a compreensão de que estão limitados pelos seus próprios preconceitos e que a sua capacidade de compreender está ligada a sua capacidade de desparticularizar o “eu”, de integrar-se ao outro como uma vivência de auto-compreensão do “eu”, em seus horizontes não conceituados num fazer-se na universalidade, mediante a ampliação.

A hermenêutica possibilita à formação dos indivíduos mediar a experiência entre a estranheza e a familiaridade necessárias à constituição dos sentidos, pois a partir do estranhamento é possibilitado ao sujeito reinterpretar e modificar hábitos e a partir da familiaridade o sujeito pode produzir, a partir do seu mundo, antecipação de sentidos num processo de autoformar-se.

Quando Gadamer afirma que “a educação é educar-se”(GADAMER, 2001, p. 14), mostra-nos que a experiência educativa não pode ser imposta, também não se pode ter a pretensão de objetivar o sujeito e a sua aprendizagem, pois esse modo de fazer educação não encontra respaldo no modo próprio de ser da educação. No processo do formar-se, mesmo que esse esteja intimamente ligado a modelos técnicos, tudo aquilo que efetivamente o indivíduo absorve, entra em diálogo com suas pré-compreensões, as quais passam por um processo de transformação no processo formativo, essa compreensão é o que se compreende como aprendizagem.

Ainda, segundo Flickinger, nesse processo de educar-se e autodesenvolver-se, para que o indivíduo alcance a liberdade tanto social quanto cultural, deveria receber estímulo, ser possibilitado a ele a experiência da *Bildung*, no entanto na contemporaneidade vê-se a educação completamente determinada pelos processos socioeconômicos que buscam levar o homem a produzir e consumir, de forma que toda a sua formação volta-se ao propósito de manutenção do sistema econômico. Diz Flickinger:

A concepção de formação como diretriz para os esforços educativos vê-se profundamente afetada e até mesmo transformada por essa dinâmica [...] O processo de formação vê-se guiado pelas diretrizes da racionalidade econômica que servem também de critérios para a avaliação de resultados

[...] Falamos hoje frequentemente da “sociedade de conhecimento” como etapa posterior à sociedade de trabalho. (FLICKINGER, 2010, p. 179-180).

Ou seja, a formação hoje tem um papel fundamentalmente tecnicizante, no qual a formação para o mercado de trabalho define o seu lugar no mundo e diferente de épocas anteriores, o conhecimento científico é cada vez mais divisor de águas daqueles que decidem e dos que vão seguir as decisões, posto que há por traz dessa “sociedade do saber” toda uma condição sócio cultural que se coloca de modo distinto às configurações científicas do mundo, onde todo conhecimento é próprio do especialista, ou seja, aquele indivíduo formado em uma área específica que não tem condições de pensar o todo ou o comum, tornando-se um desafio pensar o próprio ser humano como um todo em sua condição histórica e finita. Ao reduzir o homem a um mero cumpridor de tarefas, onde a sua constituição como ser universal foi deixada de lado, por conseguinte o seu papel se reduz a reproduzir o mundo concreto e produzir para a manutenção dessa reprodução concreta, como uma máquina que se ajusta a uma tarefa, esquecendo-se essencialmente do seu ser-no-mundo como manifestação do ser-em-si. Nesse contexto contemporâneo a hermenêutica realiza uma tarefa crítica de recompor a própria natureza, tomada a partir de sua constituição humana mais originária, anterior aos desenvolvimentos conceituais modernos.

Bibliografia

BATISTA, Gustavo Silvano. et al. Observações sobre Gadamer e a educação. In: **Sobre educação, processos e sujeitos educativos**: perspectivas de análise e abordagens interdisciplinares. Curitiba: EDTORA CRV, 2015, (p. 11-17).

BRITTO, Fabiano de Lemos. **Sobre o conceito de educação (*Bildung*) na filosofia moderna alemã**. Artigo da Revista Educação On-Line - Fascículo n. 6 2010 http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15522@1. Acesso 20 de fevereiro de 2015.

FLIKINGER, Hans-Georg. **Em nome da liberdade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FLIKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

FLIKINGER, Hans-Georg. **Gadamer e a Educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I.** 14 ed. Trad. de Flávio Paulo Meurer, nova revisão de Enio Paulo Giachini e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Verdade e Método.** Traços de uma hermenêutica filosófica. Trad. de Flávio Paulo Meurer. Rev. da tradução de Ênio Paulo Giachini. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A Razão na Época da Ciência.** Tradução de Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

_____. Educação é educar-se. In: **Educação Unisinos.** São Leopoldo, vol. 5, n. 8, 2001, p. 13-28

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica.** Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo, 1998.

GROSS, Renato. **A Paideia como Bildung:** a trajetória do conceito grego à modernidade. 2005. 137p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Parte I. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito - Vol. I.** Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Propedêutica Filosófica.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.
HEGEL, G.W.F., Enciclopédia das ciências filosóficas em Epítome, 3 vols. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. **Discursos sobre Educação.** Tradução e apresentação de Ermelinda Fernandes. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUMBOLDT, W. Von. **Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim.** In.: CASPER, G. & HUMBOLDT, W. von. Um mundo sem Universidades?, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia.** Trad. Francisco Cock Fontanella. 2. Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

_____. **Resposta à pergunta: “O que é Iluminismo?”** Traduzido por Artur Morão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf> Acesso em fev. 2015.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Heidegger e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LAWN, Chris & KEANE, Niall. **The Gadamer Dictionary**. New York: Continuum, 2011, p. 17-18.

LAGO, Clenio. **Experiência estética e formação**: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

MÖLLMANN, Andrea Dorothea Stephan. **O legado da Bildung**. Porto Alegre, 2010. 87f. (Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. **O conceito de Formação Cultural (Bildung) em Hegel**. Fortaleza, 2013. 203 f. (Tese doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

SUAREZ, Rosana. **Nota sobre o conceito de Bildung** (formação cultural). *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Feb. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2005000200005>.

VATTIMO, Gianni. **A educação contemporânea entre a epistemologia e a hermenêutica**. *Rev. TB*, Rio de Janeiro, n.108, p. 9-18. Jan-mar, 1992.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Medianeira da Silva Carvalho,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Gadamer e a retomada da noção de Bildung: contribuições da hermenêutica filosófica para a educação
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 21 de outubro de 2015.

Medianeira da Silva Carvalho
 Assinatura
Medianeira da Silva Carvalho
 Assinatura